

DE SÃO MIGUEL Á GRONELANDIA E TERRA
NOVA
DIÁRIO DE BORDO DE
JOÃO CARLOS CAETANO
PESCADOR VERDE
ANO DE 1953

São Miguel

Sexta-feira 10 de Abril de 1953

Sabia pela Capitania do Porto e Ponta Delgada, que o “Oliveirense” chegaria na manhã do dia 17 de Abril ao Porto de Ponta Delgada, na semana anterior o Cabo de Mar da Lagoa que era o Senhor Felisberto, deu-me a noticia que tinha de me apresentar na Casa dos Pescadores para ir à inspecção médica com os outros pescadores de São Miguel, que também embarcavam no “Oliveirense”, porque já tinha vindo ordem de Lisboa que o navio chegaria a Ponta Delgada no dia 15 ou 16 de Abril e tinha que estar tudo preparado para quando chegasse, o navio demoraria o menos tempo possível.

Depois cheguei à Casa dos Pescadores foi-me dito pelo Senhor Fernando Lima, que era o chefe da referida Casa, que se tinha de fazer tudo depressa porque teríamos poucos dias para nos preparar.

Já lá estavam alguns pescadores meus conhecidos, como o Tio João Cabral e o irmão Alfredo, o Tio Manuel Tachinha, o Tio Manuel Bicha o Tio Manuel Casaca e mais tarde chegou o José da Cunha, o Silvestre, o Artur Bonança e o irmão Etelvino e o Manuel Rufino, e mais alguns que eu não conhecia e que iam pela primeira vez, de pescadores verdes, entre os quais um era o João Bonança e o outro era o Manuel da Cunha.

Não demorou muito tempo a vir o médico da Casa dos Pescadores que era o Doutor José Cabral e era o mesmo médico que nos fez as inspecções anteriores em que embarquei de moço. Logo que chegamos á Casa dos pescadores íamos entregando os nossos livretes de saúde, onde o médico depois de nos fazer a inspecção escrevia o seu veredicto, que era sempre apto, e que depois de nos entregar, fomos chamados por ordem de chegada, mas a inspecção era rápida, pois os pescadores eram conhecidos antigos do Senhor Doutor José Cabral, que já sabia de cor e salteado o estado de saúde de todos os pescadores.

Decorreu a inspecção pouco mais de uma hora, éramos dezanove os pescadores a ser inspeccionados, foi-nos dito pelo Senhor Pontes, que depois da inspecção iríamos para a Capitania para receber-mos a quantia de dois mil e quinhentos escudos que era nos dado pelo representante do Grémio dos Armadores da pesca do Bacalhau, que era o proprietário do “Oliveirense”, dinheiro este que servia para comprarmos alguma roupa, e outras coisas que precisamos para a campanha, depois de apresentarmos o livrete de saúde apto para todo o serviço a bordo.

O Senhor Silva, Funcionário da Capitania chamou-nos um por um, fomos entrando para um quarto onde estava o Senhor Melo, representante dos Armadores do navio, que estava acompanhado pelo Senhor Meneses, que era outro funcionário da Capitania, e que conhecia todos os pescadores, porque já há muitos anos que lidava com eles, entregávamos o livrete, o Senhor Melo conferia, entregava-nos o dinheiro, para as referidas compras. Depois de recebermos o dinheiro, foi-nos dito pelo Senhor Meneses, que o “Oliveirense” chegaria a São Miguel no dia dezoito de Abril pela manhã, e por isso tínhamos tempo para nos preparar.

Apesar de o Navio nos dar o pano para a vela, eu fui comprar este mesmo pano para a vela ser feita em casa, pois custava muito talha-lo no navio e ainda coze-la., por isso todos os pescadores levavam a suas velas feitas em casa, e o pano que recebiam do navio servia para o ano seguinte, também comprei pensos para feridas, tintura e agua oxigenada, porque apesar de haver a bordo um enfermeiro e havia tudo para os primeiros socorros, mas para pequenas feridas não era preciso perder tempo para irmos à ré tratar-nos e por isso levamos estes primeiros socorros.

Sexta-Feira Dia 17 de Abril de 1953

Os dias corriam depressa, chegou o dia dezassete que foi numa sexta feira, e pela manhã vi o “Oliveirense” passar, e como tinha de escolher o beliche onde iria dormir, tomei o autocarro e dirigi-me para Ponta Delgada, onde cheguei e vi o navio já encostado à muralha e os pescadores de Santa Clara e da Calheta já estavam a bordo. Entrei a bordo, onde o tio Artur Bonança me disse que eu iria dormir no beliche dele, pois que o pescador que dormia com ele tinha arranjado outro beliche, e eu portanto iria ocupar o lugar dele, fiquei descansado por ter arranjado alojamento mais para ré do navio, que era o melhor lugar, porque os beliches da proa eram mais incómodos porque se sentia mais a vaga do mar a bater na proa do navio.

A tripulação era praticamente a mesma, vi os mesmos rostos de anos anteriores, mas perguntei pelo Isidoro, e foi-me dito que não tinha vindo, cumpri a promessa que fez ao capitão, de que com ele não embarcaria mais, e como era bom pescador não lhe faltaria navio para embarcar.

Tínhamos sido avisados no dia anterior pelo cabo da mar, que tínhamos de estar na Capitania ao meio-dia, e que levássemos a cédula marítima, que era para o Capitão José Ré nos matricular como pescadores do “Oliveirense”. Depois de conversar com alguns pescadores do Continente, saber algumas novidades, e como já eram onze horas e meia reunimo-nos, os pescadores de São Miguel e fomos a pé para a Capitania, onde esperamos que o capitão viesse, pois que ainda não era meio-dia.

Depois do Capitão José ré chegou, fomos chamados pelo Senhor Silva a um gabinete, onde o Sr. Capitão do Porto e o Senhor Melo, depois de lhes entregarmos as cédulas de inscrição marítima, o Capitão entregou-nos dois mil e quinhentos escudos, que era o resto dos cinco mil escudos que receberíamos antes do embarque, porque daqui para a frente só receberíamos o pagamento conforme o bacalhau que tivéssemos pescado.

Agora que estava tudo terminado, tomei o autocarro para casa para trazer para bordo o saco com a roupa e o colchão onde iria dormir pelo menos seis meses.

Tinha de me apressar, porque os dias correm depressa, pois tinha de me despedir de alguns amigos, já tinha falado um carro de praça para que quando fosse quatro e meia estivesse à minha porta, pois tinha de estar a bordo às cinco horas.

À Hora marcada chegou o táxi despedi-me da minha família, de mau pai de minha mãe e dos meus irmãos, e de mais familiares e amigos, pus a bagagem no carro, e parti para Ponta Delgada, onde iria embarcar no navio “Oliveirense”, rumo aos bancos da Terra Nova e da Gronelândia.

PRINCIPIA A VIAGEM

Sábado 18 de Abril de 1953

Todos os pescadores de São Miguel já estavam a bordo, já tinham arrumado os seus beliches e agora conversavam uns com os outros a respeito da vida que iriam levar a bordo no navio durante alguns meses.

O tempo estava bom caía uma aragem de Nordeste, e Deus queira que esteja bom tempo, pelo menos nos primeiros dias de viagem, que é para eu me acostumar, porque no tempo que andei de moço sempre enjoei.

Eram seis da tarde quando chegou o piloto, e como já estava a bordo toda a tripulação foi dado ordem para largar as amarras que prendiam o navio ao molhe e começamos a sair do Porto de Ponta Delgada.

Havia muitos familiares na muralha a aceder-nos com lenços e a desejar-nos boa viagem e regressássemos depressa e com boa saúde.

Sáímos a Doca e navegamos paralelo a costa até aos Mosteiros, depois o capitão deu ordem ao homem do leme para levar o navio para Oés-noroeste.

Como de costume os pescadores foram divididos em dois quartos, o do Capitão que era comandado pelo contramestre, e o quarto do imediato, que era comandado pelo próprio foi colocado no mastro do traquete, que passava pelo rancho, a lista das vigias, e a mim coube-me como parceiro o José da Cunha, pescador da Calheta por volta dos quarenta anos e idade, e devo dizer que sempre nos demos muito bem.

Às seis da tarde entrei de quarto, que por sinal era o quarto do imediato, ao qual fiquei pertencente, e assim fiquei de serviço até à meia noite, mas como estava bom tempo, ficou no convés só o homem do leme, as duas vigias de serviço e o outro pessoal do quarto ficou no rancho a conversar e a preparar os seus beliches.

Começou aí pelas dez horas, uma aragem fresca do Norte e o imediato mandou chamar os homens do quarto para içar o triangulo, a giba a polaca e a burgarona, mas como o mar estava chã, o navio não dava o mais pequeno balanço e ia dando as suas sete milhas.

Mas isto não durou muito tempo, pois o vento começou a aumentar e o navio começou a balançar mais, o que fez que eu ficasse enjoado.

Pelas onze horas foi dado ordem para ser içada a vela grande e o traquete, e com estes panos o navio ia andando bem. À meia-noite o homem de vigia veio dar os louvados para que o quarto do capitão, que estava de descanso viesse para cima substituir o quarto do imediato que até então tinha estado de serviço.

Depois de tomarem o café os pescadores começaram a vestir as suas roupas de oleado para estarem prontos para qualquer manobra que fosse preciso fazer, pois o vento estava a refrescar cada vez mais.

Eu aproveitei a oportunidade para escrever estas linhas enquanto o tempo ainda estava bom, pois havia noticias pela rádio do capitão que o tempo ia piorar, e pela manhã subiria de intensidade e ia para quarenta milhas à hora, o que já era uma pequena tempestade.

Domingo 19 de Abril de 1953

As previsões foram acertadas, o vento aumentava de intensidade, mas como tinha rodado para sueste, o navio estava a andar bem, foram arriados os panos da proa e o triangulo e foi içado o redondo, que era um pano que era içado no mastro do traquete, e que é só era içado quando o vento soprava de popa coube ao quarto do imediato, que tinha entrado de serviço às quatro da manhã a içar o redondo, enquanto o quarto do capitão já tinha arreado os panos da proa e o triangulo.

Apesar do vento soprar com bastante intensidade, íamos a navegar bem, pois com o navio a navegar com o vento pela popa, íamos bem, só caindo às vezes alguma vaga no convés a meia nau, e os pescadores podiam passar bem de proa para a ré, e para mais segurança foram postos cabos da proa à ré, o que sempre se fazia quando havia notícias de mau tempo, para se passar de proa para a ré com mais segurança, e os pescadores tinham de estar vestidos de roupa de oleado, prontos para qualquer eventualidade que viesse a acontecer.

Eram onze horas quando me vieram chamar para a minha primeira vigia, eu estava com outros pescadores do quarto de serviço, vestidos com roupa de oleado, fui mais o José da Cunha, que era o meu parceiro de vigia, para o deco da proa e lá estivemos uma hora que era o tempo que durava a vigia, depois deste tempo nos vieram render.

Continuamos a viagem com o vento pela popa, e aproveitei o bom tempo depois do jantar que era ao meio dia, hora em que mudava de quarto, para dar óleo na minha vela, óleo este que se dava no pano para que este ficasse mais consistente e não a apodrecesse.

Depois de fazer este trabalho, icei a vela no bote de cima da pilha para que secasse, esta vela foi feita por um pescador da Lagoa, que era quem fazia as velas para todos os barcos deste porto que se chamava Manuel Zangão.

Segunda-Feira 20 de Abril de 1953

O tempo continuava bom, estava a escrever estas linhas dos acontecimentos deste dia, por isso no meu quarto das quatro às oito da manhã, hora em que depois entrou o quarto do capitão, pus-me a escrever o que aconteceu no dia anterior. Estou de quarto das oito ao meio-dia, e como não dormi nada esta noite, vou dormir depois do café. Alguns pescadores aproveitando o bom tempo, foram para o convés esticar as linhas para depois fazerem os aparelhos a que chamamos de trol, depois de esticados eram postos os estralhos, que era um metro de linha mais fina com uma alça numa ponta para depois nestas alças serem postos os anzóis, onde estes estralhos eram seguros à linha na distancia de uma braça uma da outra.

Estas linhas eram trazidas de Portugal pelos pescadores, porque o capitão ainda não nos tinha dado o aparelho e eles iam se entretendo e adiantar serviço.

Eu também tenho seis linhas que trago de São Miguel e que já estão prontas, por isso não tenho muito que fazer, a não ser tratar da minha vela, que com este bom tempo que tem feito já está quase seca, e depois quando o capitão nos der o aparelho, vou fazendo o restante trol, que para um pescador verde como eu, são doze linhas de cinquenta braças cada uma, o que perfaz ao todo seiscentos anzóis.

Ao meio-dia jantamos carne salgada da Argentina, que vinha em barris, e também tivemos uma caneca de vinho, e à quinta-feira tínhamos também carne e vinho até este acabar.

Estive de quarto em cima do meio dia às seis horas, e como não tenho nada para fazer, vou ajudando alguns pescadores a fazer alças nos estralhos enquanto estes os põem nas linhas ao mesmo tempo ouvíamos o Tio Frazão a contar a história de Carlos Magno e os doze pares de França.

Terça-Feira 21 de Abril de 1953

Eram onze horas da noite quando me vieram chamar para a vigia, senti o nervo a bater e perguntei ao António Soares, pescador de São Miguel, se estava brisa ele disse-me que estava vento de Noroeste que estava a chover e que vestisse a roupa de oleado.

Vesti-me pus também o chapéu de oleado e subi as escadas do rancho para o convés e também subi o espadele, onde já estava o José da Cunha, meu companheiro de vigia, e

disse-lhe; parece-me Tio José que o tempo não está nada bom, está a chover e o vento é pela proa e com este balancete todo até parece que vou enjoar, que se há de fazer respondeu-me o Tio José da Cunha não é a gente que faz o tempo, temos de nos amANHAR com aquilo que Deus manda.

Chamava-lhe Tio José porque era um homem na casa dos quarenta anos e eu como só tinha dezanove anos achava que era uma falta de respeito tratá-lo por tu. O tempo está mau retorqui ele, o vento rondou para a proa com esta chuva e pode ser que quando ela parar o vento mude outra vez para sudoeste.

Então eu perguntei-lhe se estava a gostar desta vida, e ele respondeu-me o que há de se fazer, sempre é melhor que ficar na Calheta pescar ao chicharro, que não se vende e vai para a fabrica para fazer farinha, aqui pelos menos já recebemos cinco mil escudos que deu para comprar a roupa que eu precisava e ainda ficou algum em casa para a mulher e os filhos comeram enquanto estivemos aqui. É verdade respondi, eu não sei se gosto ou não, porque já vou na quarta viagem, três de moço e uma de pescador verde, não é bem verdade porque o ano passado já arriei algumas vezes, mas enfim foi a vida que eu escolhi, portanto não tenho de me queixar. Era um bom homem este Tio José da Cunha, e tinha a certeza que nos íamos dar bem nesta viagem.

O tempo começou a piorar e agora o navio mete a proa e mar por todos os lados, os homens do quarto foram avisados para estarem todos de prevenção pois podia a qualquer hora ser preciso fazer qualquer manobra, pois que íamos a andar quase de capa e não devíamos andar a mais de três milhas por hora, e eu só pedia a Deus que o tempo melhorasse, senão eu ia enjoar ainda mais.

Já nos anos de moço eu sempre enjoiei nos primeiros dias de viagem, este ano é o primeiro dia de mau tempo também vou enjoar.

Parou de chover, estamos a navegar só com o triângulo em cima, e o vento não tem vindo a aumentar, e Deus queira que o tempo fique melhor.

Quarta-feira 22 de Abril de 1953

Fui ver se dormia depois de fazer a vigia, deixou de chover e parece-me que o vento começou a acalmar, o navio não metia muito mar e o balanço era muito menos.

Ainda assim levei tempo a pegar no sono, mas sempre descansei um bocado até às quatro horas que foi quando se deu os louvados. Como já tinha feito a minha vigia deixei-me ficar no beliche apesar de estar de quarto em cima.

Acordei às oito horas quando tocou o sino para o almoço, e só comi pão com manteiga e café com leite e vim para o convés para ver o tempo e vi que estava muito melhor do que quando sai da vigia.

Depois do jantar todos os verdes foram chamados à ré, onde o capitão fez um sorteio para ver qual o numero de bote que nos caberia em sorte.

O bote que me coube foi o numero vinte e nove e por isso pedi ao Tio Manuel Tachinha a tinta que ele estava a usar para marcar o seu bote, para também escrever no meu, o nome, pois era costume todos os botes terem os nomes da sua terra ou dos santos de sua devoção.

Escolhi para padroeira do meu dório nome de Nossa Senhora do Rosário, que era também o nome da minha freguesia e também da Igreja, imagem esta, que deu o nome á freguesia e à sua igreja.

O Vento continuava a soprar da proa, vamos a navegar devagar, pois que não podemos içar os panos, mas o mar está um pouco mais calmo tive uma vigia de manhã, mas tenho estado um pouco adoentado, com dores de cabeça e estômago, o tempo tem estado com sol e faz calor, por isso fui para o rancho, peguei no cobertor e vim dormir para cima enrolado no traquete, como faziam vários pescadores quando estava muito calor.

Como não tinha mais vigia esta noite dormi até de manhã e acordei mais bem disposto, talvez porque o vento tinha acalmado, porque estava um dia maravilhoso com calma e o mar raso e a navegar a cinco milhas à hora.

O tempo está muito melhor, hoje vai ser um dia de trabalho, pois temos de arranjar os botes para ficarem prontos para a faina da pesca.

Foi-nos distribuído os remos, os forquetas, a verga e o mastro para a vela, tivemos de tirar os botes todos das pilhas, estendendo-os no convés e cada um arranjava o seu bote, ponde os apetrechos todos em ordem, amarrar as forquetas ao bote para que não caíssem ao mar, fazer pinhas nos remos, enfim um rol de trabalhos para que tudo estivesse em condições no primeiro dia de pesca, resta dizer que o navio tem quatro pilhas de botes a bombordo e outros tantos a estibordo, e como não cabiam os botes todos no convés, só se arranjavam duas pilhas de bombordo e outras tantas de estibordo, isto é metade dos botes que existiam no navio, portanto os pescadores que não tinham os seus botes no Convés ajudavam a arranjar os que lá estavam, e quando estes estavam prontos eram empilhados e estes pescadores ajudavam os outros que eram estendidos no convés.

O meu bote estava na pilha de ré, por isso ajudei o tio Artur Bonança a arranjar o seu bote, pois que assim o trabalho corria mais depressa e aproveitamos o bom tempo.

Como principiamos a trabalhar às oito da manhã, depois do almoço ao meio-dia já estava tudo pronto, só faltava por os botes no seu lugar empilhados de novo e amarramos às argolas para que ficassem bem seguros quando vier o mau tempo.

Como estava bom tempo não estamos a trabalhar por quartos, mas sim como os pescadores tinham os seus botes, portanto foram jantar primeiro os que tinham os seus doris nas pilhas da proa, enquanto os outros que tinham os seus botes na pilha de ré acabavam para ir comer.

Depois fomos jantar, enquanto os pescadores tinham acabado de comer começaram a tirar os seus botes das pilhas e a estenderam pelo convés para então os arranjar. Depois da primeira mesa ter comido o Tio Artur Bonança veio-me a ajudar a arranjar o meu bote e os pescadores que já tinham os seus botes prontos, foram ajudar os outros que não os tinha.

Quinta-Feira 23 de Abril

O tempo continuava bom, estava sol e muito calor, era como o verão chegasse mais cedo por estes lados, mas adoramos é que de repente sem avisar, vem o mau tempo. Felizmente acabamos o trabalho com bom tempo, não tínhamos que nos preocupar mais com os botes, mas teríamos muito que fazer até chegarmos ao grande banco.

Não houve vigia de dia, o único homem de serviço era o homem do leme, mas como sempre havia gente para ajudar no trabalho de arranjar os botes, tudo correu com normalidade. Depois da ceia alguns pescadores começaram a fazer trabalhos no rancho, tais como fazer bades para os anzóis e regar algumas linhas.

Eu já tinha algumas linhas prontas que tinha trazido de São Miguel, por isso vou aproveitar escrever estas linhas, enquanto estava bom tempo.

Não me preocupei com a vigia, porque já tinha perdido as contas, porque sabia que se estivesse de vigia o homem que fazia antes de mim iria chamar-me ao beliche.

O tempo estava bom, pareciam dias de verão, tinha me passado as dores de cabeça e os enjoos que vinha a sentir desde que parti de São Miguel, no dia anterior tinha feito vigia das nove às dez da noite com o José de Matos e como estava bem disposto, passamos a hora a cantar ao desafio.

Hoje como tinha a vela seca do óleo que lhe dei, fui enverga-la no mastro e ceia no bote para ver se estava bom.

Não estava muito a meu gosto, pois que estava muito esticada e tinha de desentranha-la e encolher um pouco a linha para que não ficasse muito esticada.

Começou a cair uma pequena brisa de Nordeste e o nosso quarto que estava de serviço das quatro às oito de manhã, foi dado ordem para içar os panos da proa e o triangulo, e como estava ainda a dormir tive de me levantar para içar os panos. Mais tarde içamos o traquete e a vela grande, estamos a navegar bem a seis milhas à hora, o mar estava chã e não estava muito vento.

Sexta-Feira 24 de Abril de 1953

Depois do jantar, e já com menos vento, fomos obrigados a arriar a vela grande, embora deste trabalho a arriar os panos, era melhor fazer com bom tempo, que com mau tempo. Depois da ceia vou ficar de quarto em baixo e vou aproveitar o bom tempo para escrever, que de outra maneira com mau tempo não podia escrever.

Alguns pescadores se sentaram em redor da mesa, e começaram a adiantar os seus aparelhos, e a fazer algumas linhas sobressalentes para o caso de perderam algum, o que muitas vezes acontecia. São já dez horas da noite, e não vou escrever mais por hoje porque também está a dar sono, até amanhã se Deus quiser.

Sábado 25 de Abril de 1953

A brisa com que íamos a navegar começou a acalmar e a rondar para a proa, e por isso tivemos de arriar o traquete e a vela grande, e depois também arriamos os panos da proa, porque entretanto o vento rondou para Noroeste bonançoso e o mar acalmou.

Depois do Jantar os pescadores foram avisados pelo contra mestre, que fossemos para ré para recebermos alguns apetrechos de pesca. Fomos então para a popa do navio onde nos foi entregue um cabo com cinquenta braças de comprimento e um centímetro de espessura que servia para a pequena ancora, que também servia para amarrar o trol e para ancoramos o bote, de tarde o tempo começou a agravar começou a cair mais vento que soprava de Nordeste e o mar também começou a engrossar, depois de escrever estas linhas fui para o beliche, porque estou a ter dores de cabeça, como o tempo está a piorar tenho receio que venha a enjoar.

De manhã o navio está a balançar mais, e parece que vem aí uma tempestade. Subi ao convés e havia grandes ondas a saltar a borda do navio, mas também o navio galgava grandes ondas e de vez em quando enfiava a proa.

O vento soprava com rajadas que quase não se sabia de onde ele vem tal a sua força, não vejo maneira de melhorar, antes pelo contrário está cada vez mais mau tempo.

Mas o que se há-de fazer, a vida é esta muitos dizem que não presta, mas quem não se mete nela que se arrume numa gaveta.

Passamos o dia de capa, o navio estava só com o triangulo içado para o por o mais possível de proa ao vento e não andava nada para diante, por isso foi recolhida para bordo a linha da barquinha, que contava as milhas, porque o navio não andava para diante, mas sim para traz.

Estamos de capa, portanto o navio está mais sossegado e estou de quarto em baixo vou-me entretendo a escrever estas linhas. Era já dez horas da noite quando fui para o beliche, mas estou a ouvir muito o mar a bater na proa e parece-me que o tempo está a melhorar, eram três da manhã quando me vieram chamar, apesar de estar de quarto em cima, mas os pescadores não se importavam que eu dormisse porque sabiam que eu estava a escrever.

Quando cheguei ao convés já o José da Cunha em cima do espadele, o tempo apesar de estar muito ventoso já estava melhor e a vaga muito menos, o tempo realmente estava muito melhor e talvez chegássemos ao banco dentro dois dias. Fiz então a minha vigia

das três às quatro da manhã, hora em que o João gafanhão veio dar os louvados, mas eu entretanto já tinha ido chamar a vigia seguinte e o homem do leme.

Depois de tomar o café fui-me deitar e dormi até às oito horas, hora em que o cozinheiro tocou o sino para o pequeno-almoço.

Domingo 26 de Abril de 1953

Depois das oito horas da manhã veio o contramestre avisar a tripulação para ir à ré receber o resto dos apetrechos que faltavam, como as zagaias, que eram um bocado de chumbo com vinte centímetros de comprimento e com cinco de largura onde numa ponta estava fixos dois anzóis e na outra ponta estava um buraco onde se prendia uma linha, deu-nos também os anzóis para o trol, as nespas que eram dois aros de borracha que serviam para puxarmos o aparelho, e também deu aos pescadores maduros, uma agulha, mas a mim e aos outros verdes, não nos deu apesar de lhe ter pedido argumentando que eu praticamente não era um verde, que já tinha três anos como moço, onde já tinha pescado vários dias e ele disse-me que não me podia abrir procedentes, pois se me desse agulha tinha de dar também aos outros verdes, pois era normal que todos os verdes arriassem com um pescador maduro para sua segurança.

Todos os verdes que embarcavam tinham um pescador que tomava conta dele, mas eu que não tinha este pescador maduro que tomasse conta de mim, inventei uma engenhoca para que nunca arriasse sozinho, e a engenhoca era assim, quando arriava o meu bote esperava por um pescador maduro que arriava a seguir a mim, fingia que estava no bote a fazer qualquer serviço, e quando ele içava a vela eu também içava a minha e ia atrás dele, e depois dele largar o seu aparelho, eu andava mais um bocado para largar o meu aparelho.

É claro que nunca seguia o mesmo pescador e por isso eles nunca desconfiavam que se estavam a servir de acompanhante com pescadores maduros.

Neste dia estiquei o aparelho que o capitão me deu e depois do jantar reguei, isto é pus os estralhos em nove linhas e com aquelas que eu trouxe da terra já prontas, e se não perdesse algumas já tinha aparelho suficiente para pescar nos bancos da Terra Nova.

O tempo tem estado a melhorar, está uma pequena brisa de Noroeste e vamos a navegar com os panos em baixo, menos o triângulo, que estava sempre içado que era para aguentar o rolo do navio.

Às seis horas, hora em que o cozinheiro tocou o sino para a ceia, foi feijão com cabeça de porco, eu já tinha o aparelho todo pronto, e como estava bom tempo aproveitei a ocasião para escrever estas linhas, enquanto que os pescadores que estiveram de quarto em baixo, depois da ceia puseram-se ao redor da mesa do rancho a fazer os seus aparelhos e a ouvir o tio Frazão a contar a história de Carlos Magno e dos doze pares de França.

Alguns pescadores que estiveram de quarto em cima, foram para os seus beliches descansar, e eu que estava de quarto em baixo fui descansar depois de escrever estas linhas, pois tinha de entrar de serviço à meia-noite.

Segunda-Feira, 27 de Abril de 1953

O vento que soprava fraco de Noroeste, de manhã rondou para Nordeste, e o capitão mandou içar os panos da proa, mais o traquete e a vela grande e eu que na ocasião que estava de quarto em cima fui também içar os panos.

Aos panos da proa eram içados depressa e todos ao mesmo tempo, seis homens içavam a giba seis para a vela de estai e outros tantos para a polaca, enquanto para içar o traquete e a vela grande eram precisos vinte homens, dez para a adriça que puxava a boca e dez para içar a pena.

Começou agora a cair uma pequena brisa e estamos a navegar bem, ai umas seis milha à hora.

Este ano o Rui que embarcou comigo no “Oliveirense” de moço durante três anos, este ano não embarcou, ele sempre me disse que isto não era vida para ele, só ia fazer os três anos de moço e que depois arranjasse um trabalho lá na sua terra, que era a ilha do Faial. Tive muita pena porque era um bom camarada desde o tempo da escola de pesca de Pedrouços em Lisboa, e sempre nos demos muito bem e eu estranhei a sua ausência apesar de ter muitos amigos no “Oliveirense”, pois dava-me muito bem tanto com os continentais como os Açorianos, até porque eu escrevia as cartas para as suas famílias, a alguns que não sabiam escrever.

Tive uma vigia das quatro às cinco da tarde e esta noite posso dormir descansado, porque se não houver manobras tais como içar ou arriar os panos, só me vou levantar às oito horas da manhã para o almoço.

Terça-Feira 28 de Abril de 1953

Os escaladores trataram de organizar as suas equipas para as suas mesas de escala, que era composta dois homens, que era o troteiro, que era o homem que dava o corto no pescoço do bacalhau e abria a barriga até um pouco mais do umbigo do peixe e que depois entregava ao outro homem que era chamado de parte cabeças que era mesmo o que ele fazia, que era partir a cabeça do bacalhau e tirar-lhes a tripas, e que depois deixava cair para uma celha cheia com agua, e que depois era lavado por um pescador que era chamado de garfeiro, que por sua vez tirava o bacalhau da celha e punha no escorredor, a escorrer agua e de seguida era atirado por uma mangueira para o porão para ser salgado por outros pescadores, a quem tinham o nome de salgadores.

O tempo continuava bom, caía uma leve brisa de Nordeste e devemos chegar ao banco amanhã de manhã ainda a horas de arriar os botes.

Depois do meio-dia recebemos os cestos para o trol e a ceira para levar o isco, também o José Bóia veio entregar a faca, pois eu ia servi-lhe de troteiro e o Manuel da Cunha de parte cabeças.

Depois de recebermos o cesto todos os pescadores foram guardar os aparelhos dentro dos respectivos cestos depois de porem os anzóis.

Pus os anzóis em dez linhas, era bastante para pescar na Terra Nova, pois que na Gronelândia, ia por mais três linhas, tinha-mos já as velas enroladas nos mastros, cada pescador pus os seus aparelhos no bote de cima da sua grelha, e estava tudo a postos para quando chegássemos ao pesqueiro era só arrear os botes.

Depois da ceia fui escrever estas linhas, e de seguida vou-me deitar e tentar dormir, pois amanhã é o primeiro dia que vamos arrear os botes e pedimos a Deus saúde e sorte e que carregamos o navio quanto mais depressa melhor.

Quarta-feira 29 de Abril de 1953

Os louvados foram às quatro horas e o tempo estava bom com uma leve brisa de Nordeste o navio continuava a navegar rumo ao Noroeste mas já dentro do banco, enquanto os moços traziam o isco do frigorifico para o convés, depois partiam os blocos de sardinha ao meio para serem dados metade a cada pescador.

Depois dos pescadores terem almoçado, calçaram as suas botas de cabedal, ou as botas de borracha, pois só os pescadores maduros calçavam as botas de cabedal, pois eu pedi ao capitão que me desse estas botas, e ele me disse que estas botas só eram dadas aos pescadores maduros, por serem mais pesadas, e por motivo de segurança e só eles o podiam calçar, portanto ficando os pescadores verdes e os moços com as botas de borracha, que eram mais leves mas mais frias.

Depois a roupa de oleado que era um casaco e saia, depois de termos vestidos fomos para ré com as ceiras para recebermos o isco.

O Capitão que estava na casa do leme mandou os moços darem-nos quarenta e cinco sardinhas, que era meio bloco, ao mesmo tempo parava o navio e foi dado ordens ao primeiro maquinista para ancorar o navio.

Enquanto isso os pescadores cortavam o isco em pequenos pedaços, e preparavam-se para arriar, desamarrando os botes e tiravam de cima as velas que estavam em cima para maior segurança por causa do mau tempo.

Depois do navio ancorado, o capitão mandou o moço da câmara dar o mata bicho aos pescadores, que era uma pequena caneca de alumínio cheia de aguardente, ao mesmo tempo os pescadores estavam nas pilhas onde estavam os seus botes e aguardavam ordens do capitão para arriarmos.

Olhando para bombordo e para estibordo, o capitão vendo que estava tudo em ordem com os pescadores nos seus devidos lugares, isto é cada pescador nas suas pilhas, então deu ordens para arriar dizendo as seguintes palavras; Vamos arriar com Deus, os pescadores pegaram nos seus compridos ganchos, a que chamavam de tiques, uniam um à proa e outro á ré içando os botes esperavam que o rolo do navio estivesse em condições, empurram-no pela borda fora onde ficam até o pescador saltar para dentro do bote, dando ao mesmo tempo que se benziã, ordem para arriar para o mar; Arriar com Deus.

O primeiro bote de cima da pilha era amarrado à borda, porque os seus donos eram os últimos a arriar por serem os mais experientes do navio, por isso tinham de arriar todos os botes e depois estes arriarem, eles iam para os seus botes.

Como fui o segundo bote a arriar, larguei o balão à popa do navio e também larguei a aparelha enquanto os outros botes iam remando uns para bombordo outros para estibordo e quando estavam a uma certa distancia largavam os seus aparelhos assim sucessivamente.

Depois de largar o meu aparelho pus-me a zagliar para ver se tinha algum peixe e como não apanhava nada pus-me a fazer cigarros com o tabaco que o navio me tinha dado e com mortalhas que tinha trazido da terra.

Depois de uma hora de espera fui levantar o trol que estava amarrado á ancora olhei para baixo e não via peixe nenhum parecia que o aparelho estava num sitio que não tinha peixe, fui alando o aparelho até que vi alguns bacalhaus grandes e fiquei mais contente, À medida que alava o trol vinha mais peixe e como a agua vinha para o navio, os moços apanharam o meu balão e amararam-no à borda do navio.

Quando acabei de alar o aparelho estava perto do navio, tinha apanhado peixe a balde e a casa da frente quase cheia, o era uma boa pesca, tendo o capitão me disse para largar o aparelho no mesmo sitio, o que eu fiz, no segundo lance não apanhei quase nada, como a agua corria para o outro lado não calhou o aparelho ficar no mesmo sitio e por isso só nas linhas perto do navio é que veio algum peixe, e fiquei mais contente e neste primeiro dia tive muita sorte porque os outros botes não apanharam quase nada.

Às quatro horas o capitão chamou os botes, e para isto era içado no mastro uma bandeira e os botes vieram então para bordo, sendo eu um dos primeiros a chegar ao navio, e neste dia fui dos botes que apanharam mais bacalhau, foram mais de dois quintais de bacalhau.

Depois de ter içado mais de metade dos botes, o capitão mandou os escaladores comerem com as suas equipas, como o meu escalador era o José Bóia, já estava a bordo assim como o parte cabeças que era o Manuel da Cunha, fomos comer assim como outros escaladores, como o tio António Passo, o tio Etelvino Bonança e o Abílio Lopes, fomos todos com as suas equipas, acabados de comer viemos para o trabalho da escala, enquanto os outros pescadores, que vieram chegando mais tarde a bordo, e depois de ter içado todos os botes, também foram comer e de seguida se reuniram a nós para também

começaram a escala com aqueles que tinham comido na primeira mesa e que já estavam a escalar o bacalhau.

Acabamos a escala às onze horas da noite, despimos a roupa de oleado que era pendurada numa cabine que estava debaixo do deque, depois descemos as escadas do rancho onde nos foi servido uma sopa quente a que chamamos de chora, e que era feita com arroz e caras de bacalhau e era muito saborosa.

Hoje tive uma vigia da meia noite às onze horas da manhã, e enquanto não chegava à hora da vigia, aproveitei a oportunidade para escrever estas linhas, até porque o Manuel da Cunha ao ver-me escrever disse-me que eu ficasse, pois se houvesse alguma novidade viria me chamar.

Assim fiz por isso escrevi estas linhas mais extensas, pois daqui em diante não poderia escrever muito, talvez as minhas escritas serão mais leves, e porque o trabalho terá aumentado, e não terei tempo para escrever com muitos pormenores.

Sábado 2 de Maio de 1953

Os louvados foram como de costume às quatro horas e arriamos às cinco e meia depois dos moços distribuíram as sardinhas. Depois de arriarmos os botes remei para barlavento e larguei para o mar dez linhas, e uma hora depois de descanso alei o trol e apanhei peixe a balde.

De seguida icei a vela e naveguei para estibordo do navio e larguei nove linhas e apanhei a casa da frente cheia o que não foi nada mau.

Foi içada a bandeira, para chamar os botes, das três horas às cinco e meia estavam todos os botes no navio, depois de comermos, começaram a escala às seis horas e acabamos às dez horas.

A pesca não foi má, pois apanhamos cento e quinze quintais, mas como o peixe era grande, acabamos cedo a escala, por isto comi ainda cedo e aproveitei para escrever e deitei-me às onze horas.

Domingo 3 de Maio de 1953

Levantei-me às oito horas e fiquei admirado por não chamaram os moços para safar o isco, pelo balanço do navio e o forçar da amarra, vi logo que estava brisa.

Depois do almoço vim para o convés e vi que realmente estava brisa e com mau tempo com certeza que hoje não vamos arriar, e por isso vou ler um livro que tinha trazido de casa e que era “O filho Pródigo”, e servia para passar algum tempo, nestes longos dias de viagem, e também quando havia brisa não arriamos.

Alguns pescadores passaram o dia a jogar às cartas, e outros a contar histórias passadas noutras viagens.

De tarde senti-me com dores de cabeça, e por isto depois da ceia, vou ver se durmo, não há muito para contar, vamos a ver se amanhã faz bom tempo e que me passa esta dor de cabeça, e nos possamos arriar, mas ainda antes de dormir pus-me a escrever estas linhas.

Segunda-Feira 4 de Maio de 1953

Fiz a vigia das quatro às cinco da manhã e estava brisa de Noroeste, não estava vento como ontem e o mar estava mais calmo e se continuar assim não tarda que o capitão mande safar o isco.

Apesar de o tempo estar a melhorar e quando acabei a minha vigia tornei a ir para o beliche para ver se descansava mais algumas horas, porque ainda me doía a cabeça.

Às nove horas o capitão mandou os moços safar o isco e os pescadores preparavam-se para receber o isco depois encherem os foquins com o farnel que era peixe frito com pão e café.

Depois de recebermos as sardinhas foram arriados os botes e fui dos a últimos a arriar e para arranjar lugar para largar tive de içar a vela e fui para longe do navio a umas quatro milhas.

Como estava longe do navio, e estava vento fresco só larguei oito linhas, ao primeiro lance larguei quatro linhas e ao segundo lance outras quatro linhas e só apanhei peixe a balde.

O Navio chamou às cinco horas e como estava um bocado longe, fui o ultimo a chegar ao bordo o que me valeu uma descompostura do capitão que me disse que desta vez escapava, mas da próxima me tirava a vela que era para ter mais cuidado.

A pesca foi fraca, a maior parte dos pescadores devido ao vento que soprava não largou o segundo lance. E também por ser tarde, por isto só apanhamos quinze quintais, eu apanhei meio quintal o que já foi muito bom por que a maior parte dos botes apanharam ainda menos que eu.

Acabamos a escala às nove horas e depois de escrever estas linhas fui-me deitar porque amanhã pode estar bom tempo e termos de arriar mais cedo.

Terça-Feira 5 de Maio de 1953

O dia amanheceu claro e calmo e não caia a mais pequena aragem, os louvados foram como de costume, quando acabava a escala antes da meia-noite.

Depois do almoço vestimos as roupas de oleado e fomos receber o isco. Que os moços já tinham trazido para o convés defronto da casa do leme onde o capitão mandou distribuir cinquenta sardinhas e começamos a cortar o isco, como de costume, na borda do navio tendo os pescadores que tinham recebido o isco primeiro, iscando algumas linhas, para poder ancorar os botes o mais depressa possível, porque de outro modo estes iriam mais para sotavento.

Depois do moço da câmara nos distribuir o mata-bicho, o capitão que tinha estado na câmara a conversar com outros navios. Veio cá cima e deu ordens de arriar, que era como de costume Vamos arriar com Deus.

Eram já seis e meia quando se começou a arriar os primeiros botes e eu que era dos botes que arriava por ultimo, fui outra vez dos últimos e como estava calmo, tive de remar à volta de uma hora até ter lugar para largar o meu aparelho.

Depois do aparelho estar uma hora de descanso, alei o trol e que vinha alguns bacalhaus e enchi a casa da frente bem cheia, o que me daria à volta de quintal e meio, o que na Terra Nova era uma boa pescaria.

Como estava longe do navio comecei a remar mais ou menos meia hora de encontro ao navio e depois larguei mais dez linhas e depois do aparelho estar no mar larguei a zagaia para ver se tinha algum peixe e como não apanhava nada, abri o meu foquim e comecei a comer peixe frito com pão e café.

Depois do trol estar uma hora no fundo, comecei a alá-lo, e vi que o peixe não era muito mas ainda assim nos últimos dois lances apanhei dois quintais o era muito bom.

Como estava longe vim remando para perto do navio que entretanto tinha içado a bandeira para chamar os botes, e depois de remar meia hora de viagem cheguei ao navio onde já tinham chegado mais de metade dos pescadores

Depois de descarregar o peixe, o capitão mandou comer a primeira mesa e como o José Bóia e o Manuel da Cunha já estivessem a bordo, o capitão mandou-me comer para começarmos a escala.

A pesca não foi má, apanhamos noventa quintais, e como o peixe era graúdo acabamos a escala às dez horas.

Como ainda era cedo aproveitei a calma e o bom tempo, para comer a chora e de seguida aproveitei, para escrever estas linhas, por isso já fui-me deitar depois das onze horas.

Quinta-Feira 7 de Maio de 1953

Os louvados foral à hora do costume às quatro horas, logo o cozinheiro tocou o sino para o almoço.

Os pescadores foram saindo dos seus beliches foram-se sentando nas locas que serviam de cadeiras, onde foi servido o almoço que neste dia foi papas do que eu gostava muito e depois foi servido café ou café com leite conforme os gostos.

Como de costume os moços foram chamados à ré para safar o isco do frigorífico e nós depois de comermos enchemos os foquins de comida, que seria o nosso jantar, pão chouriço e café com leite.

Ao vir para o convés constatei que estava calmo, mas estava nevoeiro, e como não tinha agulha comecei a pensar que lado iria para ouvir bem a sirene do navio.

Depois de nos distribuído o isco que foram as quarenta sardinhas do costume, arriamos os botes mas quando foi a minha vez de arriar, comecei a remar um quarto de hora para barlavento, onde comecei a largar o trol, e quando acabei vi que estava cem metros ao lado do navio, porque entretanto já tinha clareado um pouco.

Neste dia o peixe foi muito pouco que apanhamos, e eu apanhei peixe a meio balde no primeiro lance e no segundo lance ainda menos, neste dia o total de todos os pescadores foi de quinze quintais, e depois de metermos os botes todos dentro do navio o capitão mandou suspender o navio e navegamos mais para norte para procurar novo pesqueiro.

Acabamos a escala muito cedo, alguns pescadores se sentarem à volta da mesa para fazer cigarros e outros para ouvir a história do tio Frazão, e eu vou escrevendo estas linhas até ter sono para dormir.

Sexta-feira 8 de Maio de 1953

Depois dos louvados o cozinheiro tocou para o almoço. Hoje à uma pequena aragem e nevoeiro, o que não gosto muito como já referi antes, não tenho agulha, e por isso tenho de arranjar um parceiro para ir com ele, o bote que estava à minha frente era o Tio Artur Bonança e por isso vou esperar por ele e segui-lo de longe, e quando ele largar o aparelho vou-me desviar por aí cinquenta metros onde também vou largar o meu aparelho.

Assim fomos remando, eu atrás dele, e depois de remar um quarto de hora ele parou e içou a vela para largar o aparelho, o que também fiz o mesmo, pois estava pouco vento, e ajudava a largar o aparelho mais depressa, e neste dia larguei dez linhas, quando o tio Artur Bonança começou a alar o seu aparelho eu também fiz o mesmo, e vi que apesar de vir alguns bacalhaus o trol estava todo empachado e que foi preciso tirar os anzóis para safar o aparelho, o que levou muito tempo por isso só larguei no segundo lance sete linhas e depois de largar o aparelho comecei a safar o resto do aparelho.

Neste dia fizemos uma pesca boa, apanhei quintal e meio o que não foi muito, mas entendendo que se apanhou cento e cinquenta quintais, o que aqui na Terra Nova foi uma boa pesca. O navio como de costume chamou-nos às quatro horas e às cinco e meia já estava todos os botes a bordo e principiámos a escala às seis horas e como o peixe era graúdo acabamos a escala às nove horas e meia.

Depois da ceia alguns pescadores foram para o convés safar os seus aparelhos, pois neste dia alguns pescadores que como eu tivéramos seus aparelhos empachados, como usavam mais aparelhos que eu, só tinha dez linhas, por isso tiveram de largar o segundo aparelho, como já tinha o aparelho safo depois de escrever estas linhas fui-me deitar.

Sábado 9 de Maio de 1953

Os louvados foram às quatro horas, e como de costume depois do almoço vestimos as nossas roupas de oleado e viemos para o convés onde os moços já tinham trazido o isco para cima. O capitão mandou suspender o navio e andamos vinte minutos para Norte enquanto os moços davam-nos quarenta sardinhas.

O tempo estava bom, estava uma pequena aragem de Nordeste, estava claro e não fazia frio.

Eram cinco horas quando o navio ancorou, já tínhamos cortado o isco e alguns pescadores já tinham iscado algumas linhas e o capitão mandou o moço da câmara dá-nos o mata-bicho e às cinco e meia ordem para arriar os botes.

Como estava bom tempo e claro não foi preciso arranjar companhia, icei a vela e naveguei para bombordo onde alguns botes iam à minha frente, e outros atrás de mim.

Depois que passou o ultimo bote naveguei mais uns cem metros e larguei o balão, depois o grapolim, que era uma pequena linha onde se ligava o aparelho e comecei a larga-lo para o mar larguei dez linhas, depois amarrei o trol ao ferro e daí foi ao fundo.

De seguida pus a zaguiar, mas não apanhei, mas não apanhei peixe algum, por isso tive o pressentimento que a pesca não ia ser boa.

Depois de uma hora a pescar fui recolher o aparelho, e apanhei peixe a balde, içando a vela naveguei para sotavento, porque entretanto o navio suspendeu o ferro e começou a navegar a acompanhar os botes.

Andei um quarto de hora e depois de arriar a vela, larguei o balão e comecei a largar o segundo lance que foram oito linhas, não larguei dez linhas porque o isco não deu, ao segundo lance apanhei a casa da frente cheia, o que com o aparelho que larguei no primeiro lance apanhei neste dia quintal e meio o que não foi muito mau.

O navio chamou às quatro e meia, e eram seis horas quando acabamos de içar o ultimo bote, a pesca neste dia foi de cento e cinquenta quintais e acabamos a escala às dez e meia, de seguida fui escrever estas linhas.

Domingo 10 de Maio de 1953

Estava névoa e uma pequena aragem de Nordeste e hoje tenho de arranjar um companheiro para ir com ele.

Os louvados foram à hora de costume, e depois do almoço que foi feijão assado, fomos para ré onde foi-nos distribuído o isco, arriamos às cinco horas e como fui dos primeiros botes a arriar e como vi que ao pé do navio ninguém tinha largado o aparelho logo que arriei larguei logo o balão e oito linhas.

Depois do aparelho descansar o tempo do costume que era uma hora, alei o aparelho e apanhei peixe a balde e como continuava névoa, remei para barlavento e tornei a largar oito linhas depois do seu devido descanso comecei a alar, onde apanhei a casa da frente bem cheia, e como ainda era cedo, tinha isco tornei a largar mais três linhas e ao todo apanhei quase dois quintais o que foi muito bom, como estava calmo o navio não suspendeu o ferro e por isto fiquei muito próximo do navio que começou a chamar-nos às três e meia com três longos apitos de sirene.

Às cinco e meia já todos os navios estavam a bordo do navio e começaram a comer a primeira mesa, Começamos a escala às seis horas e sendo a pesca neste dia de cento e vinte quintais e como o peixe era graúdos acabamos às nove e meia e por isso tive tempo de escrever estas linhas, depois de comer a chora fui me deitar uma hora depois.

Segunda-feira 11 de Maio de 1953

Os Louvados foram como era de costume, quando acabava a escala antes da meia noite, às quatro horas e depois do almoço fomos receber o isco que neste dia foi de cinquenta sardinhas e arriamos às cinco e meia da manhã depois de nos ser dado o mata-bicho.

Está bom tempo mas névoa e como não tenho agulha tenho que arranjar uma companhia que tivesse uma agulha, e o bote que arriou ao mesmo tempo que eu foi o Tio José

Bento, pescador com muitos anos de mar e que era da Afurada e por isto acompanhei e meia hora depois ele largou o seu aparelho, eu remei mais cinco minutos e também larguei o meu aparelho.

Depois de largar o ferro, reparei que próximo mim estava o José da Cunha, que também tinha largado o seu aparelho ao meu lado.

Depois do aparelho ter pescado o tempo normal que era uma hora, comecei a alar e o peixe foi quase nada, só apanhei peixe a meio balde. Depois de alarmos o trol eu mais o José da Cunha içamos as velas e como estava já claro andamos mais ou menos meia hora e largamos o trol à vela.

Quando acabamos de largar o aparelho veio outra vez a névoa e eu não fiquei nada contente, porque se o navio suspendesse e navegasse para sotavento, nós não ouvíamos a sirene e podíamos perder-mos, Por azar nunca mais vi o José da Cunha, então icei a minha vela e naveguei para o sitio onde estivesse o navio, não sabendo que o navio tinha suspenso e tinha andado três milhas para sotavento e depois de navegar meia hora, e sem ouvir tocar a sirene, já me dava como perdido, por isso parei e comecei a tocar búzio para ver se alguém me ouvia.

Felizmente ouviram e também tocaram os búzios e como vinha na minha direcção, parei e com surpresa minha vi cinco botes que vinham a navegar para mim e traziam um rumo muito diferente do meu, porque enquanto eles vinham a navegar com vento pela popa, eu ia a orçar.

Entre os botes vinha o Tio Manuel Tachinha, que me disse que o navio tinha suspenso o ferro e navegou para sotavento, e que eu os acompanhasse iríamos direito ao navio.

Assim aconteceu, navegamos um quarto de hora sem nunca ouvir a sirene, porque se estivéssemos a barlavento não podíamos ouvir.

Andamos mais meia hora e encontramos o navio pela proa, arriamos as velas e descarregamos o peixe, que neste dia foi fraco, pois só se apanhou setenta e cinco quintais, e principiamos a escala às seis horas.

Entretanto soube-se pelo capitão que faltava um pescador que era o José Alberto, mas felizmente apareceu já depois das dez horas, a escala durou até às nove e meia, porque a pesca tinha sido fraca, de seguida fui-me deitar, às dez horas.

Terça-feira 12 de Maio de 1953

Hoje não arriei tinha um braço inchado, e já com infecção, por isso fui mostrar ao capitão que me deu um comprimido e se amanhã estivesse melhor, veria se estava em condições de arriar, neste dia a pesca não foi muito boa, foi sessenta quintais.

Quarta-feira 13 de Maio de 1953

Não tornei a arriar porque o braço continuava inchado e portanto não tinha condições de pescar.

Quinta-feira 14 de Maio de 1953

Não arriei outra vez porque o braço continuava inchado.

Sexta-Feira 15 de Maio de 1953

Não tornei a arriar porque a ferida que tinha no braço rebentou, e por isso ficou menos inchado, pode ser que amanhã já esteja muito melhor, e possa arriar mesmo com o braço ligado.

A pesca continuava fraca, e neste dia foi de setenta quintais, também tenho escrito pouco por estar adoentado.

Sábado 16 de Maio de 1953

Hoje arriei porque o meu braço parecia melhor, mas infelizmente apesar da ferida estar fechada não estava bom e foi preciso que o imediato abrisse quando cheguei a bordo.

Arriamos às cinco e meia da manhã, depois do capitão mandar-nos dar quarenta e cinco sardinhas.

Está vento fresco de sudoeste, larguei no primeiro lance nove linhas e apanhei oito bacalhaus e ao segundo lance larguei sete linhas, e também apanhei os mesmos oito bacalhaus.

O vento começou a soprar com mais força e chovia muito e o capitão mandou içar a bandeira para chamar os botes às duas horas sendo a pesca muito fraca, foi cerca de trinta quintais.

Depois da escala acabar, o capitão mandou suspender o navio e navegamos para Noroeste com a polaca a vela de estai e o triângulo içado. Não sabemos para onde vamos, talvez alguns navios tenham estado a fazer boa pesca e por isso vamos para perto deles.

Não me fui deitar porque tinha uma vigia das nove às dez e aproveitei para escrever estas linhas enquanto esperava pela vigia, deitei-me às onze horas.

Domingo 17 de Maio de 1953

Os louvados foram às quatro horas e o navio tinha ancorado às duas da manhã, mas com vento fresco. Os moços não foram chamados para safar o isco, por isto depois do almoço fui-me deitar porque tinha uma vigia às nove horas.

O tempo foi sempre piorando e por isto foi preciso por o motor a trabalhar, para ajudar a amarra. Tornei a fazer vigia das dez às onze da noite e fui-me deitar às onze e meia e como não tinha muito que escrever quando acabou a vigia

Segunda-feira 18 de Maio de 1953

Está ainda brisa. e o capitão mandou chamar os moços para ir safar o isco e mandou distribuir quarenta e cinco sardinhas. Arriamos às seis horas ainda com vento, por isto só larguei oito linhas e apanhei onze bacalhaus, e ao segundo lance já com o tempo melhor, larguei sete linhas e fiquei ao pé do “Condestável” e junto aos botes dele, depois de alado o trol apanhei peixe a balde.

O navio chamou-nos às três horas, já com o tempo muito melhor e estávamos todos abordo às cinco horas principiamos a escala às seis horas e acabamos a escala às sete e meia.

Neste dia a pesca foi de trinta e cinco quintais e como acabamos a escala cedo e fui-me deitar, pois tinha uma vigia das onze à meia-noite e como o tempo tem vindo a melhorar os louvados serão às quatro horas.

Terça-feira 19 de Maio de 1953

Os louvados foram à hora de costume, e os moços foram chamados para safar o isco. Depois do almoço viemos para o convés e dirigimo-nos para ré para receber o isco e vi que o tempo não estava nada bom, com o vento a refrescar e a vaga a aumentar, mas mesmo assim o capitão mandou distribuir o isco, o que comecei logo a cortar, e o moço da câmara veio dar-nos o mata-bicho.

Arreamos os botes às cinco e meia já com vento fresco e icei a minha vela e velejei para bombordo e depois de navegar vinte minutos, parei perto do João Bonança e larguei o balão, depois de desviar uns cem metros larguei nove linhas, porque estava a ver que o tempo não estava muito seguro e o capitão a todo o tempo podia içar a bandeira para chamar os botes.

Depois de largar o trol, começou a cair mais vento e veio também saraiva, pelo que meia hora depois o navio içou a bandeira a chamar os cotes.

Fui logo alar o aparelho mais depressa que pude, porque o vento era cada vez mais e depois de ter o trol dentro o navio suspendeu o ferro e navegou para sotavento para que os botes que lá estavam pudessem ir mais facilmente para o navio.

Icei a minha vela e fui navegando para o navio, assim como o João Bonança que estava perto de mim assim como outros botes que estavam a barlavento.

O peixe que apanhei neste dia foi pouco, até porque muitos pescadores nem largaram todo o aparelho, e se largaram, nem ao menos chegou ao fundo porque o vento aumentou de intensidade, logo içarmos o aparelho depressa.

Apanhamos vinte e cinco quintais, por isto a escala acabou muito cedo, o vento era cada vez mais, era de trinta e cinco milhas por hora de intensidade. Depois de escrever estas linhas fui-me deitar às nove horas.

Quarta-feira 20 de Maio de 1953

Os louvados foram às cinco horas e está brisa fresca e por isto o capitão não mandou chamar os moços, e por isso dormi todo o dia, porque que com este tempo não havia possibilidades de arriarmos.

Hoje o “ José Alberto “ foi para Sant John e qualquer dia lá iremos pois está acabando o isco. Depois da ceia fui-me deitar, pois tinha uma vigia da uma às duas da manhã e tenho de dormir, pois que o tempo está a melhorar e amanhã vai ser um dia, se o tempo permitir, de arriar os botes.

Quinta-feira 21 de Maio de 1953

Hoje os louvados foram às quatro horas e o capitão mandou chamar os moços para safar o isco como de costume. Estava claro e caía uma pequena aragem de Sudoeste, enquanto cortamos o isco, o capitão mandou suspender o navio e andamos meia hora para Noroeste, para sair do lugar em que tínhamos pescado ontem.

Depois que larguei o primeiro lance veio a névoa e fui ter com o Tio Primo, que era um pescador de Setúbal, já com muitas viagens na pesca do bacalhau, e vim com ele, pois que como não tinha agulha, chegava-me sempre para um pescador mais velho, e que me dava uma certa segurança.

Depois de andar de vela vinte minutos largamos o aparelho perto um do outro e deixamos o trol descansar uma hora, o peixe que eu apanhei nos dois lances foi muito pouco. Foi a meio balde, e todos os outros pescadores apanharam o mesmo, por isto foi um dia muito mau de pesca.

O navio chamou às três horas e estavam todos a bordo às cinco horas, e depois de pormos os botes dentro, fomos jantar e principiamos a escala uma hora depois.

A pesca foi de trinta quintais pelo que acabamos a escala às sete e meia, depois da chora que era a ceia habitual, fui escrever estas linhas deitei-me às nove e meia, pois tenho uma vigia das duas às três da manhã e por isso tenho de ir dormir mais cedo, porque o tempo está bom e amanhã é dia de trabalho, porque todo o descanso é pouco.

Sexta-feira 22 de Maio de 1953

Os louvados foram às quatro horas, sendo os moços chamados à ré para irem safar o isco. Depois do almoço aviamos os nossos foquins, com pão peixe frito e café e vesti-me a roupa de oleado e preparei-me para receber o isco.

O capitão mandou distribuir as sardinhas, e mandou suspender o navio para procurar melhor pesqueiro. Depois navegamos uma hora para Noroeste, e quando chegamos mandou fundear o navio, e deu voz de arriarmos os botes, depois de distribuírem o mata-bicho do costume.

O peixe nestes últimos dias tem sido muito pouco, largamos por dia vinte linhas e só apanhamos vinte a trinta bacalhaus e a pesca hoje não fugi à regra e ainda não apanhei peixe a balde nos dois lances.

O navio içou a bandeira a chamar os botes às três horas e às seis já estávamos todos a bordo, como de costume foi comer a primeira mesa e de seguida a segunda mesa também foi comer, depois começou a escala às seis e meia, sendo a pesca quarenta quintais, acabamos a escala às oito e meia, hoje tenho outra vez uma vigia a má hora, das três às quatro e cabe-me a mim dar os louvados às quatro horas da manhã.

Sábado 23 de Maio de 1953

Está brisa de Noroeste e os louvados foral à hora do costume, às quatro horas, e não houve ordens do capitão para safar o isco e o cozinheiro só deu o almoço às cinco horas, horas em que o capitão mandou suspender o navio para irmos para Saint John. O capitão mandou-me chamar e aos outros verdes, para irmos para o porão ajudar os moços um porão de sal que era para por a sardinha que carregaríamos naquele porto.

Às Oito e meia da tarde, com vento cada vez mais o capitão mandou correr os quartos e pôs o navio de capa porque com o vento e o mar que estava o navio já não podia navegar.

O primeiro quarto foi o do imediato ao qual eu pertencia e foi até à meia-noite, fiz a minha vigia das sete às oito da tarde e como estava um bocado adoentado, depois da vigia fui-me deitar.

Domingo 24 de Maio de 1953

O vento rondou para Nordeste e como estava o mar menos alteroso, o capitão mandou tirar o navio de capa e içar os panos da proa e o traquete, que com o triangulo, que está sempre içado, começamos a navegar para Saint John, que estava a noventa milhas do banco.

Ainda hoje devemos chegar ao porto de Saint John, e como estamos a andar bem e o contra-mestre disse-nos que chegaríamos por volta da meia-noite.

Pelas dez da noite começamos a ver luzes de terra e á hora certa estávamos fora do porto de Saint John e tivemos de esperar pelo amanhecer para entrarmos no porto.

Segunda-feira 25 de Maio de 1953

Entramos no porto de Saint John pelas seis horas de manhã, estava bom tempo mas caia uma pequena peneira de chuva.

Depois de amarrado o navio fui escrever cartas para os pescadores de São Miguel, pois estes não sabiam escrever e também escrevia a minha família e assim levei toda a manhã nisto e quando acabei fui com o Manuel Tachinha e o José da Cunha o António Rego Coelho e o Manuel Januário e ainda alguns outros, levar as cartas ao correio, e como o capitão ainda não nos tivesse dado as dolas, o Manuel Tachinha emprestou-me uma dola e fomos todos ao cinema.

No fim do filme, tocou o hino e todos os que estavam na sala se levantaram, ao mesmo tempo que no ecrã aparecia a rainha de Inglaterra Elisabeth II, levantei-me também porque toda a gente se levantou. Quando acabou o filme e como já era tarde fomos para o navio que ainda ficava um bocado longe e passamos pelo da banda do Norte para ver se algum bote que nos levasse para o Oliveirense.

Por sorte estava um dóri prestes a partir para o nosso navio, que nos levava todos o que nos veio poupar meia hora de caminho, chegando pelas onze horas da noite, fui-me deitar à meia-noite.

Terça-feira 26 de Maio de 1953

De manhã desamarramos o navio e viemos para outro sítio da muralha para nos abastecer de gasóleo e de água e para carregar o isco quando este chegasse.

Entretanto chegou o representante do armador em Saint John e o capitão mandou chamar os pescadores para lhes dar dinheiro que eles precisassem.

Eu como pescador verde, não podia ter mais de dez dolas, paguei um dólar que o tio Manuel Tachinha me tinha emprestado para o cinema, restou-me nove dólares sempre me dava para beber uma Pepsi cola, ir mais uma vez ao cinema e ainda comprar uma recordação para a família.

Como não vamos carregar o isco ainda hoje, aproveitei para passear pela cidade, ver as montras e ver uma novidade nova, que era a televisão que estava nestas montras nos estabelecimentos e era onde muitos pescadores paravam para ver.

Fui acompanhado como de costume pelo José da Cunha, Manuel Tachinha, João Cabral e o tio Manuel Casaca todos da Ilha de São Miguel, e também alguns do continente como o tio Primo pescador de Setúbal e o tio António Passo pescador da Afurada.

Fomos ao cinema ver um filme que se chamava a Seita dos Damascos, e depois de acabar o filme fomos passear um bocado pelas ruas da cidade, e chegando a bordo à uma da manhã.

Quarta-feira 27 de Maio de 1953

Neste dia depois do almoço fomos avisados pelo contra-mestre, que tínhamos de ficar a bordo, porque ainda hoje vinha o isco, por isso tínhamos de estar a bordo e enquanto não chegava tiramos o resto da sardinha que estava na câmara frigorífica, para primeiro por a sardinha nova que vier e só depois a que tiramos para ser usado em primeiro, isto só será feito depois do meio-dia quando chegaram os dois camiões para descarregar.

Não levou muito tempo para fazer este serviço e como ainda era cedo para a hora do jantar, fomos eu mais o José da Cunha mais o primo Manuel da Cunha e o José Bóia, pescador de Ílhavo, dar um passeio enquanto não chegava enquanto não chegava a hora do jantar.

Chegamos a bordo ainda antes do jantar, o capitão chamou-nos à ré repreendeu-nos por sabermos que íamos meter isco e fomos para terra, e nós dissemos que fomos levar cartas ao correio.

Depois do jantar veio o primeiro camião de isco, foram três toneladas de lula e três de sardinha, e a seguir veio outro camião com seis toneladas de cavala e acabamos este serviço às seis horas, hora em que fomos cear, e depois fomos para terra onde fomos ver o filme “Tarzan e o castelo misterioso”, acabando à meia-noite e chegando ao navio quase à uma hora da manhã.

Quinta-feira 28 de Maio de 1953

Hoje está de chuva, mas o capitão mandou avisar o pessoal para que ninguém saísse que íamos receber o resto do isco, e que todos os pescadores tinham de estar a bordo, mas como a chuva não parava o capitão depois do jantar, mandou o contra-mestre dizer-nos que opor causa da chuva o isco não viria hoje e ficava para amanhã cedo por volta das nove horas.

Hoje pusemos agua e gasóleo depois do jantar e como para fazer este serviço era preciso o motorista e o ajudante, resolvi sair com o José da Cunha e o Artur Bonança e mais dois pescadores da Lagoa, que era o Manuel Januário e o António Rego Coelho, fomos fazer umas compras e depois ao cinema que contava um navio de exploração ao pólo norte e que tinha estado dois anos encravado no gelo.

Quando acabou o cinema fomos para o navio onde chegamos por volta da meia-noite.

Sexta-feira 29 de Maio de 1953

Neste dia acabamos de por o resto do isco a bordo, e passei o resto da manhã a escrever cartas para as famílias de alguns pescadores de São Miguel e também para a minha família, e depois do jantar fui com outros pescadores levar as cartas ao correio, ainda com uma chuva miudinha, mas depois de começou a chover mais, pois que tivemos que nos abrigar num super mercado até às oito horas, hora em que viemos para bordo onde encontrei o Luís, que era o moço da câmara, com uma garrafa cheia de vinho e que me disse se eu queria ir com ele, pois que talvez vendesse a garrafa de vinho e assim teria dinheiro para ir ao cinema.

Como já não estava a chover, disse que ia e então fomos os dois para terra, onde se juntou a nós outro moço chamado de João e assim fomos andando até que passou um inglês por nós, e ao ver que éramos portugueses perguntou se tínhamos brandi, respondendo o Luís que não tinha, mas sim uma garrafa de vinho e perguntando o inglês quanto custava e ele respondeu que era dez dólares, ao que o inglês disse que

dava cinco dólares, e o Luís disse que estava bem e logo o inglês entregou-lhe o dinheiro e o Luís entregou-lhe a garrafa de vinho, dando o homem ainda mais vinte e cinco centimos.

Fomos embora dali, porque ele ainda poderia chamar o policia, porque já tinha havido casos em que portugueses e tinham vendido brandi aos ingleses e estes ainda chamavam a policia, porque proibido a venda de bebidas alcoólicas no Canadá.

Depois de sairmos dali entramos num café onde estavam o tio Primo e os dois sobrinhos um do qual se chamava Deolindo, a beber cerveja, o Luís mandou vir três Pepsi-cola.

O inglês disse-nos que os pais erma franceses e que por isso ainda um dia gostaria de ir a França visitar uns primos que lá tinham e perguntou-nos como portugueses se gostavam da França, ao que nós respondemos que sim, pois que havia portugueses a trabalhar e a viver em França.

O homem ficou muito contente e mandou vir cerveja para nós os três e ainda nos ofereceu cigarros.

Sáimos do café era já meia-noite e viemos para bordo onde no caminho, encontramos alguns pescadores que estavam na conversa com pescadores de outros navios,

Fomos andando devagar até que chegamos ao navio às quatro da manhã, onde me deitei às cinco depois de escrever estas linhas.

Sábado 30 de Maio de 1953

Levantei-me às oito horas quando o cozinheiro tocou o sino para o almoço, levantei-me ainda cheio de sono, mas se não comesse agora só comeria ao jantar que era ao meio dia e por isso não tive outro remédio senão levantar-me e almoçar.

Depois do almoço veio o imediato com a correspondência e eu recebi duas cartas da minha família.

As cartas eram mandadas pelas nossas famílias endereçadas com o nosso nome e nome do navio e eram escritas no envelope; Ao cuidado do cônsul de Portugal em Saint John que por sua vez enviava para os navios por um funcionário do consulado. Por nossa vez quando nós enviamos as cartas para a nossa família púnhamos o nosso nome o nome do navio e as palavras; Ao cuidado do cônsul de Portugal em Saint John, púnhamos as cartas sem selo no correio, que por sua vez enviavam toda a correspondência para o cônsul de Portugal, e estes enviavam por um correio especial para Portugal.

Neste dia muitos pescadores receberam cartas das suas famílias e como sempre eu é que lia as suas cartas, por não saberem ler nem escrever.

Na carta que o Alfredo Cabral recebeu vinha contando com mais pormenores o que tinha acontecido em São Miguel, houve muito mau tempo e que houve muitos desastres e que tinha havido dois naufrágios, um barco com cinco tripulantes, falecendo um homem com o nome de Januário e o barco do António Faria, um velho lobo do mar com muitas viagens na pesca do bacalhau, falecendo ele e o irmão do António Soares, que muito tem chorado, e ainda mais dois pescadores que não sei o nome porque não veio escrito na carta que o Alfredo Cabral recebeu, escapando só os dois filhos do António Faria, só aparecendo o corpo deste ultimo pescador, houve muita tristeza a bordo porque os falecidos eram pessoas muito estimadas e conhecidas por todos os pescadores de São Miguel.

Domingo 31 de Maio de 1953

Depois do almoço o contra-mestre veio nos informar que a partida era às nove horas da manhã e se alguém tivesse cartas para por no correio que se apressassem, por isto escrevi mais duas cartas, uma minha e outra do Manuel Tachinha, e fui leve-las ao correio que ficava perto, e vim depressa para bordo.

Estavam alguns pescadores a preparar algumas linhas de trol em cima da muralha e como tinha ainda algumas linhas novas, fui busca-las ao beliche e vim estica-las para cima da muralha, enquanto não vinha o piloto.

Às nove horas apareceu o piloto, o capitão mandou que viessem todos para bordo, e depois de todos estarem no navio, mandou tirar as amarras que prendiam o navio à muralha, desatracamos e fazendo proa à saída da barra, navegamos em mar alto rumo ao norte para a Gronelândia, onde se Deus quiser que haja saúde e muito bacalhau e também bom tempo, regressaremos lá para os fins de Agosto ou princípios de Setembro.

Sábado 6 de Junho de 1953

Estamos já na Gronelândia e o tempo tem estado bom, almoçamos, tendo os moços chamado para a ré para safar o isco, e nós depois de calçamos as botas de água e vestir as roupas de oleado fomos receber o isco que neste dia foi de trinta cavalas. Depois de cortamos o isco o moço da câmara veio dar-nos o mata-bicho e o capitão deu voz de arriar.

Como estava calma e claro ao sair do navio icei a minha vela e fui para o lado da terra, onde larguei o meu aparelho, depois de passar os botes que iam à minha frente, e atrás de mim vinha o José de Matos que se desviou de mim uns cem metros e também largou o seu aparelho.

Ao primeiro lance apanhei um quintal de bacalhau, e como o navio levantasse ferro e navegasse para sotavento, acabando eu também de içar a minha vela e também fui para sotavento e larguei as minhas dez linhas

Depois do descanso habitual de uma hora fui alar o aparelho e também apanhei um quintal de peixe. O navio içou a bandeira às três horas e como eu estava longe só cheguei às cinco horas já estando quase todos os pescadores a bordo, por isto levei uma repreensão do capitão que me ameaçou de tirar a vela se eu chegasse mais uma vez atrasado.

A pesca neste dia foi de cento e dez quintais, o que não foi uma pesca por ai além era considerada boa.

Acabamos a escala às dez horas, e vou-me apressar a escrever estas linhas, porque o tempo é pouco para descansar.

Domingo 7 de Junho de 1953

Está calma e o vento é praticamente nada. Os louvados foram às cinco horas e logo os moços foram chamados à ré para safar o isco do frigorífico enquanto o cozinheiro tocava o sino para o almoço que neste dia foi arroz doce com café ou arroz doce com leite.

Depois de aviamos os nossos foquins com pão peixe frito e café, fomos andando para ré para receber o isco. Sai do navio a remar, pois não caia o mais leve sopro de vento que pudesse içar a vela, remei meia hora para leste e larguei o balão e comecei a largar o aparelho num fundo de quarenta braças.

Depois do trol estar no fundo durante uma hora, alei e apanhei peixe graúdo, muito melhor que nos dois dias anteriores que era um peixe bom, depois de alar remei um quarto de hora e tornei a largar mais dez linhas mas o peixe que apanhei foi muito pouco, apanhei mais ou menos uns vinte bacalhaus, mas como era peixe grandes ainda assim foi um quintal e meio, o que foi uma boa pesca.

O navio chamou às três horas e às quatro e meia já estava todos a bordo, começamos a escala às cinco e meia e como o peixe era graúdo às dez horas já estava a escala finda.

A pesca neste dia foi de cento e dez quintais, e enquanto escalamos o peixe o capitão mandou suspender o navio e fomos a navegar para mar mais baixo onde havia mais bacalhau, mas em compensação era mais miúdo.

Como acabamos a escala mais cedo, antes de me deitar escrevi estas linhas.

Segunda-feira 8 de Junho de 1953

Hoje só escrevo estas poucas linhas porque apanhamos muito peixe, e como era peixe pequeno acabamos a escala muito tarde, e por isso fui-me deitar muito cansado.

Sexta-feira 12 de Junho de 1953

Hoje está calma mas com uma pequena brisa de Noroeste o tempo está claro. Mas a barlavento está uma barra negra e parece que vamos ter névoa.

Hoje os louvados foram às cinco horas e depois de arriarmos os botes, procurei um pescador que tivesse agulha pois parecia que ia haver nevoeiro.

Arriei atrás do Manuel Braga que era um pescador da Povoia de Varzim, e logo icei a minha vela e fui atrás dele e navegamos para terra, e o “Viriato” ficava no Nordeste e eu no Sudoeste deste mesmo navio e o “Oliveirense” ficava-me a Oeste.

O Manuel Braga depois de navegar vinte minutos, largou o seu aparelho e eu naveguei mais um bocado para me desviar dele e larguei as minhas onze linhas.

Ao acabar de largar o aparelho veio a névoa e com ela veio o vento a refrescar, que eu julgava que era de Nordeste e como o “Oliveirense” ficava a barlavento ia-me ser muito difícil atingir o navio e ainda para piorar a situação nunca mais vi o Manuel Braga.

Depois de largar o aparelho, comi um bocado de pão com peixe frito e café e como o vento estava a refrescar mais fui alar o aparelho mas o peixe que apanhei era miúdo.

Como julgava que o vento era de Nordeste, quando me faltava duas linhas para recolher amarrei o trol à proa e como visse um cardume de camarão perto do meu bote, larguei a zagaia e havia muito peixe e num instante apanhei peixe à sarreta e o bacalhau estava a três braças de altura a comer o camarão.

Estava convencido que o vento era de Nordeste e continuei a zagliar e como o bote estava só com o grapolim comecei a garrar para Nordeste o que veio a piorar a minha situação pois sem saber estava mais longe e a sotavento do navio.

Fiquei mais descansado quando vi perto de mim alguns botes que julguei que era camaradas do meu navio, mas que fiquei espantado quando um pescador dum bote mais próximo falou comigo e disse-me; Ó camarada, o que faz você tão longe do seu navio! Só então reparei que os botes estavam pintados de cor diferentes dos nossos e que tinham marcado na ré “Viriato” .

Este pescador disse então para alar o aparelho e que viesse com ele para o seu navio, porque não havia maneira de chegar ao “Oliveirense” por estar muito longe e o vento sendo de Sudoeste. Só então soube que estava enganado porque julgava que o vento fosse de Nordeste.

Como o “Viriato” estava ainda a sotavento fomos remando devagar para o navio, eu e os outros botes que comigo estavam, quando chegou a minha vez de atracar pedi ao capitão se podia ficar no seu navio, porque com o vento que estava nunca mais chegaria ao “Oliveirense”.

O Capitão era o Comandante Mário do Bem, disse-me que podia atracar mais a ré onde o meu bote foi içado com o bacalhau dentro e foi escalado à parte e salgado também à parte para levar para o “Oliveirense” quando estivesse bom tempo.

Neste dia houve vários pescadores que não puderam acompanhar os seus navios, como estava muito vento e névoa eles não puderam acompanhar os seus navios e foram para os navios que estavam mais próximos, no “Viriato” estava mais dois pescadores e mais tarde soube que no “Oliveirense” estava um pescador de outro navio.

Por sorte de todos o capitão do “Viriato” veio-nos dizer que apesar de outros pescadores arribaram outros navios, que no seu navio todos estavam a salvo e que graças a Deus, nenhum faltava.

Como o vento estava cada vez mais foi preciso suspender o navio e por de capa e durante dois dias estivemos assim, portanto nenhum navio nas nossas proximidades arriou.

Ao terceiro dia o tempo ficou melhor e o “Viriato” ancorou não muito longe do “Oliveirense” que suspendeu e veio se por a sotavento.

O capitão do “Viriato” mandou-me chamar e disse-me que iam carregar o peixe para o meu bote e que eu ia para o “Oliveirense” que estava um pouco a sotavento.

Os moços trouxeram o meu pescado para o meu bote, que foi arriado, agradeci ao capitão e vim para o “Oliveirense”, onde foi içado o bote e descarregado o bacalhau e apesar do que esperava o capitão não falou comigo, limitou-se a apontar o peixe que eu trazia.

Sábado 27 de Junho de 1953

Temos tido muito trabalho, pois temos arriado quase todos os dias, o tempo tem estado bom e até tem estado muito calor e com temperaturas a rondar os doze graus, o que aqui na Gronelândia, mesmo de verão é uma temperatura bastante agradável.

Como acabamos a escala cedo vou aproveitar para escrever estas linhas, como já disse o tempo está bom, não cai a mais pequena aragem e temos que andar sempre a ver-mos para podermos desviar dos botes para podermos largar os nossos aparelhos.

Os louvados foram hoje às cinco da manhã como de costume, os moços foram chamados pelo vigia para irem safar o isco.

Depois do almoço preparar-mos como de costume, isto é enchemos os nossos foquins com o farnel que consistia de pão com peixe frito e café, fizemos alguns cigarros de mortalha e tabaco que o navio fornecia em pacotes de meio quilo cada e em quantidade de seis pacotes para cada pescador, e munidos das nossas ceiras fomos andando para a ré para recebermos o isco.

Depois de recebermos o isco começamos a cortar em pedaços pequenos para iscarmos os anzóis do aparelho, e até alguns pescadores que primeiro recebiam o isco ainda tinham tempo de iscar a bordo duas ou três linhas.

Como de costume que era antes de arriar, vem o moço da câmara dar o mata-bicho a cada um a dose do costume, o capitão deu voz de arriar.

Não fui dos primeiros a arriar e por isso tive de remar quase meia hora até que tivesse um lugar livre para largar o meu aparelho.

Estes últimos dias não tem havido muito bacalhau, mas ainda assim apanhamos acima dos cem quintais, o que é considerado uma boa pesca, mas tivemos dias de apanhar-mos cento e cinco quintais e outros dias de duzentos e nestes dias acabávamos a escala às duas horas da manhã e só dormíamos quatro horas.

Larguei o balão, largando depois o grapolim e agarrado a este o trol e larguei as minhas doze linhas, como de costume quando estava bom tempo.

Depois de descansar o aparelho no fundo uma hora, fui alar o trol, não vinha muitos bacalhau, mas ainda assim apanhei peixe à sarreta de cima.

Ao segundo lance só larguei oito linhas e ainda apanhei menos do que no primeiro lance mas ainda assim apanhei peixe à sarreta de cima o que veio dar um quintal ponto dois.

O navio içou a bandeira a chamar-mos às três e meia e às cinco e meia estavam todos a bordo e depois de principiamos a escala às seis horas acabamos às nove, sendo a pesca neste dia de cento e vinte quintais, escrevi estas linhas e de seguida fui-me deitar às dez horas.

Domingo 28 de Junho de 1953

Os louvados foram às cinco horas, tocando o cozinheiro o sino para o almoço que foi neste dia feijão com cabeça de porco, mas eu não comia feijão, por isso comi sopa de pão com café com leite.

Como de costume preparei-me para ir receber o isco e vi que estava nevoeiro, claro que não fiquei muito contente, pois mais uma vez tinha de arranjar um parceiro que fosse portador da referida agulha, pois como já referi antes o capitão não dava agulha a pescadores verdes, isto é pescadores que vinham a primeira vez à pesca do bacalhau.

Embora a névoa aqui na Gronelândia não era persistente como na Terra Nova que estava dias seguidos de nevoeiro, aqui na Gronelândia tanto estava névoa como estava claro.

Como fui dos primeiros a arriar, naveguei cinco minutos a remar e larguei o meu aparelho, pois que ficava próximo do navio, pois sempre ouvia melhor a sirene dar sinal aos botes que estava muito longe, a dar a posição do navio.

Hoje foi o dia em que o capitão nos deu mais isco, cinquenta sardinhas, pois como os pescadores se queixavam que largavam pouco aparelho e por isso apanhavam menos peixe, mas na verdade o peixe não era muito.

Ao primeiro lance larguei onze linhas e o peixe que apanhei foi muito pouco, mas ao segundo lance, remei um bocado para sotavento e tornei a largar mais onze linhas e apanhei peixe direito com à sarreta de cima.

Como estava perto do navio e estava ainda névoa, larguei mais quatro linhas e também apanhei algum bacalhau, e com o que apanhei nos dois lances anteriores, apanhei peixe à sarreta de cima.

Neste dia devido a dar o terceiro lance fui o ultimo bote a chegar ao navio e por isso levei uma repreensão do capitão, mas também não me importei, entrou-me por um ouvido e sai pelo outro, pois que eu sabia que ele falava assim era para os outros ouvirem.

A pesca neste dia foi de cem quintais, principiámos a escala às seis horas e acabamos às nove horas e meia.

As seis e meia suspendemos o navio e fomos buscar um moço da Graciosa ao “Argus” e fomos leva-lo ao “Luís Ribau”.

Como acabamos a escala cedo e como tinha uma vigia às dez horas, aproveitei para escrever estas linhas, pois como tem feito muito bom tempo e apesar de não ter pescado muito bacalhau não tenho tido tempo de escrever.

Segunda-feira 29 de Junho de 1953

Está névoa mas em compensação está bom tempo e o vento nem sequer dá para apagar um fósforo, os louvados foram às cinco horas e a vigia chamou os moços, como era de costume, para ir safar o isco. Também como de costume o cozinheiro tocou o sino para o almoço, os pescadores começaram a sair dos seus beliches, vestiam as suas camisolas de lã, porque as calças nós dormíamos com elas vestidas e peúgas calçadas.

O almoço constou de papas de milho com feijão-frade, comida que muita gente gostava, mas como não me apetecia comer, não tive outra alternativa senão comer sopas de café com leite.

Depois de comeram a primeira mesa, começaram os pescadores a aviar os foquins com pão e peixe frito e encher as suas garrafas de calor com café ou café com leite. Subimos para o convés e fomos receber o isco que já estava no convés à nossa espera, e o capitão mandou os moços distribuir a cada pescador quarenta se cinco sardinhas.

Não temos pescado muito bacalhau mas como tem feito muito bom tempo e temos pescado todos os dias, estamos animados, que nos meses de Julho e Agosto ainda vão ser melhores e de certeza vai haver mais bacalhau.

Depois que os botes foram arriados, e como estava calmo fui remendo para Sueste, pois como a agua corria para Sudoeste o navio estava aproado ao Nordeste, portanto eu ia remando para o lado da terra.

Depois de navegar meia hora e ter passado todos os botes que tinham arriado à minha frente, larguei as minhas onze linhas e quando acabei larguei o ferro ao trol e sentei-me para largar a zagaia para ver se apanhava algum bacalhau e depois de cinco minutos a zagliar e não apanhasse nada, disse cá para mim que a pesca hoje também não ia ser muito boa e pus-me a fumar um cigarro no banco do barco à espera que passasse uma hora que era o tempo que o trol pescava no fundo.

Já os pescadores que haviam largado o trol à minha frente começaram a alar os seus aparelhos e eu também fiz o mesmo e como já esperava o peixe que apanhei foi muito pouco.

Depois de alar todo o aparelho comecei a remar para Sudoeste e depois de mais de meia hora, tornei a largar as mesmas onze linhas e o peixe que apanhei também não foi muito, nos dois lances apanhei peixe a balde, o que dava oito décimas de quintal.

O navio chamou às quatro horas e às cinco estávamos todos a bordo e principiamos a escala às cinco e meia e como a pesca foi de setenta quintais. Às nove horas já tínhamos acabado a escala.

Depois de comer a chora e como ainda era cedo, pus-me a escrever estas linhas, enquanto o navio suspendeu e vamos a navegar para o Norte, para melhores pesqueiros. Esta é a pesca que pescamos na Terra Nova e na Gronelândia nos meses de Maio e Junho de 1953.

No Mês de Maio pescamos - 1220 quintais

No Mês de Junho pescamos - 2005 quintais

Nos dois meses apanhamos - 3225 quintais

Terça-feira 7 de Julho de 1953

Depois de navegamos umas três horas juntamente com o “José Alberto”, ancoramos, dando o capitão ordem ao vigia para dar os louvados às cinco horas.

Depois do almoço vestimos as nossas roupas de oleado e viemos para ré do navio para receber o isco que já estava no convés à nossa espera, mandando o capitão entregar cinquenta sardinhas.

Começamos a cortar as sardinhas em pequenos pedaços, para iscar nos anzóis, e como de costume os primeiros pescadores que recebiam o isco começavam logo a iscar algumas linhas, pois como aqui na Gronelândia a água corre muito depressa, e por isso era bom que tivéssemos algumas linhas já iscadas que era para o bote não garrar muito.

Eram seis e meia quando, depois de tomar o mata-bicho, quando o capitão deu voz de arriar, os botes já estavam todos em ordem, os pescadores cada um nos seus postos, e em meia hora já estavam todos no mar e como estava uma pequena aragem de Nordeste, icei a minha vela e junto com outros pescadores, naveguei mais ou menos meia hora para terra, isto é para Sueste.

Larguei no primeiro lance onze linhas e quando acabei larguei a zagaia ao mar e apanhei algum peixe, o que era bom sinal.

Depois do descanso habitual de uma hora, fui içá-lo e vi que vinha algum peixe, apanhando no primeiro lance pouco mais de um quintal.

Como Ficasse calma e agora a água corria para Nordeste, larguei o segundo lance que foi de onze linhas, sentei-me no banco, depois de largar o ferro e comecei a comer o almoço que tinha trazido no foquim, que era peixe frito pão e café, o trol pescou três quartos de hora e de seguida fui alá-lo e era peixe aqui peixe acolá, enchi a casa da frente bem cheia o que fazia mais ou menos dois quintais.

O navio chamou às quatro horas, vim para bordo juntamente com o José da Cunha que estava a pescar ao meu lado, e como estava calmo, viemos a remar e levamos quase uma hora a chegar ao navio.

Neste dia a pesca foi boa, todos os botes traziam boa pesca, uns com dois quintais e outros com muito mais, quando já tinha mais de metade dos pescadores a bordo, o capitão deu ordem ao escaladores para com os troteiros e os parte-cabeças irem comer que era para principiar a escala e adiantar serviço.

Eu neste dia fui fazer de troteiro para o Abílio Lopes, pois o meu escalador que era o José Bóia e o parte cabeças que era o Manuel da Cunha, ainda não tinham chegado ao navio e por isso o José da Cunha que era também parte-cabeças, veio comer na primeira mesa, para trabalhar connosco.

A pesca neste dia foi de cento e cinquenta quintais, o que foi muito boa, por isto a escala vai demorar mais tempo, talvez chegue até à meia-noite.

Principiamos a escala às sete horas, hora em que foi comer a segunda mesa, depois de todos comeram, fui para o meu escalador junto com o Manuel da Cunha e começamos a escala já com todas as equipas completas.

Como já referi a escala foi demorada, acabou à meia-noite e como eu tinha uma vigia da uma às duas aproveitei para escrever estas linhas.

Terça-feira 14 de Julho de 1953

O tempo tem corrido bom e temos apanhado sempre os quetes cheios, isto é mais de cento e cinquenta quintais e nós já andamos tão cansados já pedia-mos um dia de brisa para descansar.

Hoje foi um dia de azar, pois depois de alar algumas linhas do aparelho o trol pegou no fundo e rebentou o aparelho, o que fez com que eu fosse ao balão que também estava fixo no fundo e como fiz muita força partiu-se a linha outra vez, ficando no fundo o grapolim e duas linhas, alei as restantes e quando faltava duas linhas partiu-se outra vez e perdi mais duas linhas, por sorte estava ao meu lado o José Vaia, larguei a zagaia ao lado dele e tive a sorte de encontrar estas duas linhas, assim só perdi duas linhas.

Neste dia vários pescadores perderem aparelho, pois era fundo de pedra, não só eu tive muito trabalho, mas também o contra-mestre e o tio primo perderem aparelho, para citar estes os que estavam perto de mim, mas também muitos outros perderam trol e por conseguinte apanhamos pouco peixe.

O navio chamou às quatro horas, mas como os pescadores tivessem muito trabalho com os seus aparelhos, muitos chegaram a bordo tarde, o que fez com que a escala também principiasse mais tarde e por isso só acabou à meia-noite.

Hoje pescamos noventa quintais e eu só apanhei peixe a balde o que não foi muito, além de perder aparelho também estava enroscado, o que fez que depois da escala eu perdesse duas horas a desenroscar o aparelho e por anzóis em mais duas linhas.

Quarta-feira 15 de Julho de 1953

Os louvados foram às seis horas, estava calma, mas também um negrume para os lados de Sudoeste e depois de recebermos o isco o capitão mandou arriar os botes e nem sequer deu tempo para cortarmos o isco.

O Joaquim da Graça depois de cortar oito sardinhas, virou-se para a proa para ver o tempo, torceu o nariz, como para dizer que não estava nada a gostar do tempo. Então Joaquim que estás tu a ver homem? Este tempo não me agrada, respondeu o Joaquim da Graça, vejo tudo negro na proa como viesse uma tempestade.

O Capitão então disse-lhe. Não estejas assustado o tempo no Sul está bom e os navios que vem navegando para Norte, vão a navegar com bom tempo e o vento é fraco de Nordeste, portanto o tempo está bom e na baia os navios arriaram com bom tempo, portanto não tenhas receio, vamos lá arriar com Deus, disse ele virando-se para os pescadores.

Foram arriados os botes, ainda com uma pequena aragem de Nordeste e como fui dos primeiros a arriar, não foi preciso andar muito para largar o balão e o grapolim e larguei de seguida onze linhas.

O tempo começou a acalmar e começou avir uma leve brisa de Sudoeste e fui imediatamente ao trol pois desconfiava que aí vinha uma grande brisa de Sudoeste.

Por azar, quando me faltava uma linha para alar, com o vento a vir cada vez mais, o aparelho pegou no fundo, tendo eu que remar para o balão, o que me custou bastante lá chegar.

Entretanto o navio içou a bandeira a chamar os botes, alguns botes já estavam a ir para o navio, e eu comecei a alar o balão que por azar também a linha estava agarrada no fundo e fiz tanta força que também partiu ficando no fundo o grapolim e uma linha.

Entretanto o navio suspendeu e navegou um pouco para sotavento, porque estavam alguns botes à popa do navio e eu tive de içar a minha vela e navegar para o navio, que entretanto depois de deixar os botes todos para barlavento, tornou a lançar o ferro e a ancora.

O peixe foi pouco neste dia, porque a maior parte dos botes não largaram todo o aparelho e eu ainda assim apanhei peixe a balde, e pesca neste dia foi de quarenta quintais.

Depois dos botes estarem todos a bordo o capitão mandou suspender o navio e navegar para o Norte para o pesqueiro da barrinha, pois que segundo o capitão, como a barrinha ficava mais para Norte, lá o tempo talvez estivesse melhor.

Quinta-feira 16 de Julho de 1953

Está calma, mas chove bastante, o que aqui na Gronelândia é sinal de vento fresco de Sudoeste. Estamos mais a Norte da barrinha, mas parece-me que a tempestade vai também chegar aqui.

Os louvados foram às seis horas e o homem de vigia veio chamar os moços para distribuir o isco.

Depois do almoço vestimos a roupa de oleado e fomos para ré receber o isco, apesar de estar vento fresco e chuva, dizendo o capitão, que por enquanto não cortássemos o isco. Ao meio-dia o “Lutador”, que estava ao nosso lado arriou os botes, mas também ao nosso lado estão o “Argua” e o “Creoula”, mas estes navios não estão a arriar.

À uma hora e trinta minutos o capitão mandou arriar e mesmo sem cortar o isco, arriamos imediatamente.

Está uma vaga alta de Sudoeste e agora ainda chove mais, quando tinha largado a primeira linha o navio chamou imediatamente, tratei de alar esta linha, e eu e o João Bonança que estava ao meu lado, içamos as nossas velas e viemos navegando para o navio, onde já estavam a ser içados os primeiros botes.

Depois de metermos os botes a bordo, só faltava o Ismael, pescador da Afurada, porque sendo dos primeiros botes a arriar largou o aparelho todo portanto levou mais tempo a chegar ao navio.

Neste dia só apanhamos cinco quintais, portanto nem foi preciso armar as mesas todas para escalar o peixe.

Ainda estava uma ligeira brisa de Sudoeste e o mar está alto e a chover bastante e estamos à espera de brisa do Sudoeste, mas para surpresa nossa, ficou calma, e logo veio uma grande brisa do Nordeste, estávamos no meio de dois ventos e como o Nordeste foi o mais forte foi o que prevaleceu.

Sexta-feira 17 de Julho de 1953

Hoje está brisa de Nordeste e aproveitei, para por a escrita em dia arranjar algum aparelho e descansar, como não houve nada de especial neste dia que pudesse escrever aproveitei para, como se costuma dizer, carregar baterias.

Sábado 18 de Julho de 1953

Os Louvados foram às quatro horas e está uma aragem fresca de Nordeste, mas o homem de vigia veio chamar ao moços para safar o isco, depois do almoço vesti a roupa de oleado, e munido da ceira que era onde levávamos o isco e a faca e fomos para ré para receber o isco, onde nos foi distribuído cinquenta sardinhas.

Ao nosso lado está o “Argus” o “Creoula” o “Lutador” e o “Allan Viliers”, e segundo consta a fazer boas pescarias.

Arriamos às cinco e meia e está uma aragem de Nordeste, Logo que o meu bote foi arriado icei a vela e naveguei para Sueste, para o lado da terra, largando o aparelho logo que passei o bote que ia à minha frente, larguei o balão e de seguida o grapolim e o trol o que levava geralmente uma hora. Depois de o trol pescar a hora habitual comecei a alar o trol e vi que vinha algum peixe, pelo que neste lance apanhei peixe à sarreta de cima e a casa da frente meia.

Desviei-me um bocado para terra e tornei a largar dez linhas apanhando ainda mais peixe que o primeiro lance, como tivesse o bote quase carregado, icei a vela e vim para bordo onde, já estavam alguns botes que também carregaram. Como o vento cresceu o capitão mandou içar a bandeira para chamar os botes às três horas e um quarto, estando todos os botes às cinco e meia e começando a escala às seis horas.

Hoje a pesca foi boa, pois pescamos cento e setenta quintais e acabamos a escala às onze horas, deitei-me à meia-noite, depois de escrever estas linhas.

É de notar que me é muito difícil escrever todos os dias, porque acabamos cansados e queremos é dormir, por isso algumas vezes tiro alguns apontamentos para depois quando houver brisa e não arriar os botes, punha a escrita em dia.

Domingo 19 de Julho de 1953

Às cinco horas foram os louvados, e os moços foram à ré para safar o isco, depois do almoço e de nos aviarmos fomos receber o isco que já estava no convés à nossa espera.

Está vaga alta de Nordeste e uma ligeira brisa mas para o dia ficou calma, após recebermos o isco que foram trinta e cinco sardinhas e dez lulas, e arriamos os botes às cinco e meia.

Fui dos primeiros botes a arriar, por isso remei para terra para me desviar de quatro ou cinco botes, que tinham arriado à minha frente e de seguida larguei o balão e as minhas onze linhas.

Ao primeiro lance apanhei peixe a balde e a casa da frente meia, e ao segundo lance apanhei peixe por cima da sarreta e casa da frente ficou cheia.

O navio chamou às três e meia e fui dos primeiros a chegar a bordo e à medida que os botes iam chegando via-se que íamos ter um bom dia de pesca, pois os botes vinham todos ajeitados.

Às cinco horas como estivesse a bordo uma grande parte dos botes, o capitão mandou comer a primeira mesa e como costume também foi comer os escaladores, os troteiros e os parte-cabeças, que era para formar as equipas para principiarem a escala.

Começou a escala às cinco e meia, neste dia fui fazer de troteiro para a mesa do Tio António Passo, juntamente com o João Bonança, pois os meus companheiros de equipa ainda não estavam a bordo.

A pesca foi de cento e sessenta quintais e sempre que enchíamos os quetes, que levava cento e cinquenta quintais, havia música enquanto se escalava o bacalhau e o capitão mandou distribuir o mata-bicho, mas também às vezes quando se apanhava menos havia mata-bicho.

A escala foi até às onze e meia.

Segunda-feira 20 de Julho de 1953

Está calmo e o mar raso e não se sabe onde vem a leve brisa, ao nosso lado estão o “Elisabeth” e o “Creoula” e o “Allan Viliers”.

Depois dos louvados que foram às cinco horas e o capitão mandou safar o isco enquanto suspendia o navio e navegou para Sueste, que era onde se situava a terra, cerca de meia hora de ser distribuído o isco, que era sardinha e lula e depois do navio estar ancorado, o capitão mandou dar o mata-bicho, e arriamos às seis e meia. Como estava calma os botes começaram a remar cada um para o seu lado, uns para remavam para a popa do navio e outros remavam para barlavento.

Como fui dos primeiros botes a arriar, remei um quarto de hora e larguei o meu o aparelho.

Depois de dar uma hora de descanso, que era o costume, alei o aparelho e o peixe não era muito pelo que no primeiro lance apanhei uma sarreta, pelo que remei um pouco para Nordeste e larguei o segundo lance, onde foi um pouco melhor e sempre apanhei os dois quintais o que era muito bom, uma grande parte dos botes estão para o lado da terra e estão dentro da área proibida, pelo que o capitão antes de arriar os botes avisou que não fossem muito para terra, mas geralmente ninguém faz caso e vão sempre para terra que fica distante do navio umas cinco ou seis milhas.

Segundo diz o capitão já tem havido botes, que são apanhados pela guarda costeira e tem sido presos, mas isto talvez seja conversa do capitão, para que os botes não irem muito para terra, pois eu nunca ouvi nenhum pescador dizer que já houvesse algum pescador ter ido para a cadeia por ter sido apanhado a pescar em zona proibida.

O navio chamou às três horas, e felizmente metemos os botes dentro sem ter visto nenhum guarda costeira à vista.

Hoje a pesca foi um pouco menos do que ontem mas ainda assim pescamos cento e quarenta quintais, era onze e um quarto quando acabamos a escala, despi a roupa de oleado lavei-me em água salgada como de costume, e só depois do rancho passamos as mãos e a cara em água doce.

Depois de comer a chora como estava bastante cansado fui me deitar, pois parece que vamos ter brisa porque o capitão mandou amarrar os botes e guardar as celhas no corredor, por isto não vou escrever mais nada e se tiver brisa então amanhã hei-de escrever.

Terça-feira 21 de Julho de 1953

O sino para o almoço tocou às oito horas, metade dos pescadores saíram dos seus beliches para almoçar, mas a outra metade ficou no beliche a dormir pois estavam cansados de muitos dias a arriar e aproveitavam a brisa que caia forte de Sudoeste, para descansar.

Eu preferi sair do beliche e ir tomar café com leite para depois de tarde ir fazer alguns trabalhos no trol, tal como desenroscar algumas linhas que estavam empachados e por alguns estralhos que faltasse nas linhas.

Da tarde começou a cair mais vento e como o navio puxasse pela a amarra, o capitão mandou o motorista por o motor a trabalhar para ajudar na amarra e manter o navio sem garrar.

Mesmo assim eu subi ao convés e pus o meu cesto do aparelho em cima do corredor e arranjei o meu aparelho. Neste trabalho estive até à hora da ceia, ou seja até às seis horas, e depois tenho de escrever algumas linhas, para depois ir descansar, pois o tempo está a melhorar e pode ser que amanhã esteja bom tempo.

Quarta-feira 22 de Julho de 1953

Ainda está brisa, pois que o sino só tocou para o almoço às oito horas, o que acontecia sempre que o tempo não estava em condições de arriar. Tomei o café com leite e pão com margarina e quando terminei o almoço, subi ao convés para ver o tempo que

apresentava feio para Sudoeste, mas que estava a melhorar e se continuasse assim ainda hoje vamos arriar.

Foi o que aconteceu, o capitão mandou safar o isco e por isto só arriamos às duas horas ainda com vento fresco. Como fui dos primeiros a arriar o bote remei dez minutos para o lado do navio e larguei onze linhas, mas a maioria dos botes que arriaram só largou metade dos aparelhos, porque entretanto começou a cair mais vento e o mar a engrossar e eu comecei a alar o trol depois de meia hora de o largar, e houve pescadores que não deixaram descansar o aparelho, pois caía ainda mais vento, e o navio começou logo a chamar os botes içando a bandeira e suspendeu o ferro, e começou a navegar para sotavento, para apanhar os botes que estavam para a popa do navio. Icei a minha vela junto com o José da Cunha e vim a navegar para a proa do navio, que entretanto já havia ancorado, porque já não havia mais botes à proa do navio, arriei a vela a barlavento e vim a remar devagar para a proa, onde atirei a bossa ao moço, que a agarrou deixando o bote correr para o meio do navio onde descarreguei o peixe, depois do capitão anotar o peixe que eu trazia, que neste dia foi de peixe a balde, mas a maioria dos pescadores nem isso apanharam.

A pesca neste dia foi de trinta e cinco quintais, acabamos a escala cedo, pelo que tive ainda tempo de escrever algumas linhas, pois que a escala acabou às oito horas, mas o tempo agora está a melhorar e sendo assim os louvados serão às quatro horas, por isto não me alonguei muito a escrever e fui-me deitar às dez horas.

Quinta-feira 23 de Julho de 1953

Os louvados foram às quatro horas e os moços foram chamados para safar o isco, um quarto de hora antes de o cozinheiro tocar o sino para os pescadores tomarem o pequeno-almoço.

Os pescadores começaram a sair dos seus beliches, como de costume já vestidos, e só faltava era calçar as botas que estavam penduradas para secarem, pois estas estavam sempre humedecidas e o calor do fogão fazia com que estas secassem.

Depois da primeira mesa tomar o almoço, aviamos os foquins como de costume, com pão, peixe frito e café, alguns faziam cigarros, tomaram as ceiras e foram para ré para receberem o isco.

O Tempo estava bom, não cai qualquer aragem e o mar está raso. Como costume que era, o capitão deu a cada pescador quarenta e cinco sardinhas que daria para dar os dois lances.

Arriamos os botes, depois de cortar o isco e de alguns pescadores terem iscado algumas linhas, o que acontecia aos pescadores que tinham comido na primeira mesa, arriando às seis horas.

Como estava calma logo que saímos do navio, começamos a remar cada um para o seu lado, os botes de bombordo iam para este lado e os de estibordo, remavam também para o seu lado, mas havia pescadores que remavam para sotavento.

Depois de remar perto de meia hora, pois tinha de passar todos os botes que tinham arriado à minha frente, larguei o balão e depois o grapolim, que era uma pequena fateixa ligada a uma linha de vinte braças, que era para chegar ao fundo mais depressa e então comecei a largar o trol.

Depois de acabar de largar onze linhas, que era quantas eu tinha, liguei o trol ao ferro, que servia também para ancorar o bote e larguei a zagaia para ver se tinha algum bacalhau.

Apanhei uma dúzia de bacalhaus e fiquei com pena de não ter mais linhas, pois parece que onde eu estava ancorado tinha algum peixe. Depois do trol descansar uma hora, fui içar o aparelho e não fiquei muito contente, pois para Sudoeste vinha uma nuvem escura e parece que vamos ter nevoeiro, o que realmente veio a acontecer.

Apanhei peixe à sarreta de cima e como a primeira metade do trol veio mais peixe, não cheguei a içar o grapolim, amarrei à borda e naveguei um pouco para Nordeste e tornei a largar o aparelho.

No sítio em que estava, não via nenhum bote devido ao nevoeiro, mas como eu ouvia a sirene do navio estava mais descansado e se ele ficasse no mesmo lugar eu daria facilmente com o navio, pois como já referi antes eu não tenho agulha.

Alei o trol depois de estar meia hora a pescar, apanhei algum peixe e enchi a casa da frente bem cheia, o que fez que eu pusesse algum peixe mais para ré, e o bote ficou ajeitado com dois quintais de bacalhau.

O navio chamou com três toques de sirene, o que era habitual para chamar os botes, pois para nos dar a sua posição, quando estava névoa os toques da sirene eram mais descompensados.

Comecei logo a remar, no sentido dos toques da sirene e como estava a Nordeste do navio e a água corria ainda para este mesmo lado, eu levei duas horas para chegar ao navio, onde já estavam metade dos botes que tinham ficado próximo do navio.

Depois de chegarem mais alguns botes, quase todos carregados de bacalhau, o capitão mandou comer a primeira mesa, dizendo aos escaladores que levassem consigo os troteiros e os parte-cabeças para principiarem a escala.

Como o meu escalador ainda não tinha chegado, e enquanto ele não viesse, fui fazer de troteiro ao tio António Passo que é um pescador da Afurada e o parte-cabeças foi o José de Matos, pescador de São Miguel.

Principiamos a escala às seis horas, sendo a pesca de cento e setenta quintais o que era considerada muito boa e acabamos à meia-noite. Como tivesse uma vigia da meia-noite à uma, aproveitei esta hora para escrever, pois que sempre eu tinha a primeira vigia, o José da Cunha fazia a vigia sozinho ou então eu levaria o caderno para ré e escrevia em cima da caixa da bússola. Aconteceu isto muitas vezes, ou então tomava alguns apontamentos e depois escrevia quando estava brisa.

Era muito trabalhoso escrever todos os dias, pois quando arriamos uma semana seguida era-me difícil escrever porque estávamos cansados e só a dormir quatro horas por noite, mesmo com vontade de escrever não podia fazê-lo.

Muitas vezes só escrevia devido à boa vontade do José da Cunha e a compreensão de outros pescadores, que até gostavam que eu escrevesse.

Sexta-feira 24 de Julho de 1953

Temos arriado todos os dias, mas não tenho escrito nada porque estamos muito cansados, mas também não tenho muitas coisas extraordinárias, acontece sempre o mesmo estamos a pescar muito bem e se continuarmos assim, mais quatro ou cinco dias deve chegar para carregar o navio.

Hoje, como acontece em alguns domingos, houve música antes de arriarmos e como estou muito cansado só escrevo este apontamento.

Segunda-feira 27 de Julho de 1953

Está calma e os louvados foram às cinco horas, depois do almoço fomos receber o isco como de costume que era, os moços já tinham trazido para cima, sendo distribuído cinquenta sardinhas, que cortamos poucas, pois estava um negrume para Sudoeste e estávamos a desconfiar que viria brisa deste lado. Ainda assim o capitão deu ordem de arriar, depois de o moço da câmara nos dar o mata-bicho.

Depois de arriarmos foi cada um para o seu lado e alguns pescadores começaram a largar os seus aparelhos, quando o navio chamou com a bandeira içada no mastro da mezena, e logo estes pescadores que tinham já largado algum aparelho começaram a alá-lo e vieram para o navio, apesar de estar ainda calma.

Depois que pusemos os botes dentro soubemos pelo capitão que faltava um bote de um navio que estava ao nosso lado e este tocou a sirene a chama-lo, porque talvez ele tivesse largado o trol e agora estivesse a alá-lo para depois vir para bordo.

O capitão perguntou aos pescadores se algum o tinha visto, e alguns disseram que sim e o navio suspendeu o ferro e navegou para o rumo que os pescadores tinham dito que tinham visto e então o capitão com os binóculos avistou o bote e vi que não tinha nenhum homem a bordo.

Realmente o pescador tinha largado o aparelho todo, talvez por ele não ter visto a bandeira içada, estava ainda ancorado com o ferro.

Como ainda estava calma, estava tudo normal dentro do bote, e começou-se a fazer suposição o que teria acontecido, que talvez quando o pescador viu a bandeira içada saltou o banco da proa para alar o aparelho, se desequilibrou e caiu ao mar, e como na Gronelândia as águas correm muito, logo ele tinha ficado para ré do bote, e não teve hipótese para apanhar o bote.

Foi um dia triste a bordo do “Oliveirense”, o que aconteceu a este pescador, podia ter acontecido a qualquer um de nós, e não era a primeira vez que se perdiam pescadores deste modo, quer com mau tempo ou bom tempo, que com o frio que se faz sentir nestes mares qualquer pescador que caia ao mar e se não tiver nenhum bote por perto que o ajude imediatamente, não sobrevive ao frio.

Já houve um caso no “Oliveirense”, que um bote se afundou carregado de bacalhau, pois teve sorte que vinha acompanhado por outros botes, que navegavam à vela com vento fresco, mas felizmente teve sorte porque os outros pescadores imediatamente o acudiram antes de ele próprio se afundar, o recolheram e trazendo para bordo, graças a Deus não houve complicações de maior e no outro dia a seguir tornou a arriar, mas noutro bote porque o seu se tinha afundado com tudo que levava dentro.

Terça-feira 28 de Julho de 1953

Está uma aragem de Nordeste por isto o capitão tem vindo a navegar para o Sul para encontrar melhor tempo e hoje vamos pescar no Filas, que é um banco onde nesta altura o tempo está melhor, que fica mais para Sul, onde o vento sopra com menos força.

Os louvados foram às quatro horas e os moços foram chamados para safar o isco, tocou imediatamente o sino para o pequeno-almoço.

Os pescadores saíram dos seus beliches, calçavam as suas botas e vestiam as suas camisolas de lã, pois como nos deitamos vestidos, para nos aquecermos pois só havia um pouco de calor era só no rancho e quando o cozinheiro estava a usar o fogão para fazer o almoço.

Já estamos nos fins de Julho, faz muito frio e muitas vezes cai neve e é por isto que o capitão por esta época procura os pesqueiros mais para Sul, para fugir aos ventos de Nordeste e também ao frio e neve.

Depois do almoço dirigi-me para a ré para receber o isco, arriando às cinco e meia, e ao arriar vi logo que a água corria bastante para Sudoeste, por isso não larguei o trol, ancorei com o ferro e pus o isco em três linhas e só depois é que suspendi o ferro e larguei o aparelho.

O vento tem vindo a crescer cada vez mais e vai haver névoa, pois vem um pequeno negrume de Nordeste, perto de mim estava o José da Cunha, que estava a meu lado, pois fiquei mais contente.

Alei o trol, depois de estar a pescar meia hora, apanhei peixe à sarreta de cima e como o navio suspendeu e navegou para Sudoeste, eu o José da Cunha e outros botes que estavam ao meu redor, içamos as velas e também navegamos para sotavento, mais para perto do navio e largamos os aparelhos.

O navio içou a bandeira a chamar os botes às três horas, mas logo vinha névoa, começou a dar apitos de sirene. Depois de meter o aparelho estar dentro icei a vela junto com outros pescadores que estavam nas proximidades e navegamos para o navio.

Neste lance apanhei a casa da frente bem cheia, e por isso trouxe o bote ajeitado, e calculando os dois lances em dois quintais, o que era uma boa pesca.

Neste dia a pesca foi de cento e quarenta quintais, foi uma boa pesca e se pescarmos assim, mais um mês a pescar e fica o carregamento feito, e este ano iremos mais cedo para Portugal.

Principiamos a escala às cinco horas e meia, e acabamos às onze horas e depois da escala acabar fui à ré pedir um grapolim, que tinha perdido o meu.

Este ano foi o terceiro grapolim que perdi, pois perdi um na Terra Nova e dois aqui na Gronelândia, podia dar-me por satisfeito por ter perdido só três, pois que houve pescadores que perderam muito mais.

Depois de metermos os botes dentro o capitão mandou suspender o navio para navegar ainda mais para Sul e como o vento era de nordeste, navegamos pela popa à procura de melhor tempo.

Depois da chora e de ter amanhado o trampolim, aproveitei para escrever umas linhas pois que não tenho vigia, vou dormir pois o capitão mandou dar os louvados amanhã às cinco horas por isso vou dormir cinco horas.

Quarta-feira 29 de Julho de 1953

Nestes dias não escrevi nada devido ao cansaço, porque é muitos dias seguidos a arriar e preciso muito de descanso, só posso dizer que havido muito bom tempo e temos pescado muito bacalhau.

Terça-feira 11 de Agosto de 1953

Nestes últimos dias não tenho escrito nada, porque tem havido bom tempo e muito bacalhau, e nem temos tempo de dormir quanto mais escrever.

Todos nós estamos a cair de cansaço, porque é raro o dia em que não se enche os quetes de bacalhau. Temos tido todos os dias música, que servem para despertar os pescadores e também tem havido mata-bicho e alguns dias mais que uma vez.

As escalas tem acabado sempre depois da meia-noite, e às vezes até à uma da manhã e alguns dias até às três da manhã e os salgadores que são os últimos a acabar terminavam uma hora depois.

Já estamos todos muito cansados e a cair de sono e se houver peixe como até agora, claro que já andamos a fazer contas e contamos que até ao dia vinte de Agosto já teríamos o navio carregado, mas infelizmente acabou o isco e tivemos de ir ao “ João Martins” buscar alguma isca e também o bom tempo acabou, pois tem caído brisa do nordeste e sempre que arriamos o bacalhau tem sido pouco e quando julgávamos que íamos carregar o navio até vinte de Agosto, agora com certeza devemos levar mais alguns dias, talvez até fins de Agosto ou até mais alguns dias de Setembro.

Até agora tem havido dias de vinte e quatro horas, e não tem sido preciso luz para a escala, mas agora já começa a fazer noite e já é preciso por o gerador a trabalhar, porque não podemos trabalhar às escuras, porque as noites são cada vez maiores.

Também tem feito muito frio e estamos a pescar com icebergues à nossa volta.

Ontem dez de Agosto arriamos com uma pequena brisa e apanhamos noventa quintais, e hoje como já referi está brisa razão pela qual estou a escrever, e se o tempo não melhorar amanhã, talvez não vamos arriar.

Domingo 30 de Agosto de 1953

Há dia que se acabou o isco e temos só a pescar à linha de mão e à zagaia e ontem foi o ultimo dia que pescamos e apanhamos cento e setenta quintais, o que foi uma grande pesca.

O porão já está cheio e não sabemos se vamos arriar mais alguns dias, porque o capitão mandou suspender o navio e navegar para Sul para a baía, o que nos fazia crer que vamos aproveitar a brisa que cai de Nordeste, para encurtar-nos o caminho para Portugal e porque também mais para Norte está a fazer muito frio.

Às duas da tarde ancoramos na baía onde estava o “Gil Eanes”, o “Flores”, o “José Alberto”, o “Creoula”, o “Lutador” e estivemos à espera que estes navios abastecessem e depois de eles se despacharem, levantamos ferro e navegamos rumo ao Sul.

Estávamos esperançados que não arriaríamos mais e ficamos contentes quando o imediato veio dizer que íamos desarmar os quetes e que íamos para Portugal.

Foi uma alegria a bordo, muitos pescadores se abraçaram e deitavam os barretes ao ar para festejar a sua alegria por estarem todos de boa saúde e de não ter havido desastres a bordo.

Às cinco horas da tarde o imediato mandou desarmar os quetes, o que fizemos, passamos a pilha de botes que estava ao lado da enxárcia para a proa e às seis da tarde foi dado ordem de para que fosse restabelecido os quartos para a viagem e o primeiro foi o quarto do capitão, que era substituído pelo contra-mestre.

Foi uma grande alegria a bordo, porque após cinco longos meses de trabalho vamos enfim para Portugal, estamos todos de boa saúde, por isso davam todos graças a Deus com grande satisfação por ter tudo corrido bem e de levarmos o navio carregado de bacalhau.

Eu como pertença ao quarto do imediato só entro de serviço à meia-noite vou aproveitar o tempo para escrever estas linhas, e por as contas em dia.

Eu como pescador verde não pesquei nada mal e até fui dos melhores pescadores, pois em quarenta e quatro que foram os pescadores no nosso navio, eu pesquei cento e quarenta e sete quintais e fiquei no meio da tabela, o que equivale a dizer que houve metade dos pescadores que pescaram mais do que eu, mas também a outra metade dos pescadores apanhou menos do que eu, por isto fiquei muito satisfeito por ter ficado na lista dos melhores pescadores do “Oliveirense”.

Depois de uma noite calma a navegar para Sul na manhã do dia trinta e um de Agosto Segunda-feira começou a soprar uma brisa de Nordeste, e depois do jantar o capitão mandou içar todos os panos, como já levamos o Triângulo içado também içamos a vela grande o Traquete também os panos da proa a Giba a vela de Estai e a Polaca.

Já no meu quarto, que era o do imediato, também içamos as extênsulas, que era um pano que se içava entre o Traquete e a vela grande, e entre a vela grande e a Mezena, mas mesmo assim com todos os panos içados e o motor a trabalhar o “José Alberto” e o “Creoula”, que eram lugres de quatro mastros por isso andavam mais que o “Oliveirense”, e depressa nos passaram à frente e ficando só o “Lutador” a acompanhar-nos, mas de manhã já estávamos a navegar sozinhos, porque também o “Lutador” desapareceu de vista.

Como eu marcava diariamente o pescado que apanhava, isto é fazia uma estimativa junto com outros pescadores mais experientes e a pesca nos meses de Abril a Agosto foi a seguinte.

Abril e Maio --	1220 Quintais
Junho --	2005 Quintais
Julho --	2770 Quintais
Agosto ---	2145 Quintais
Total da pesca -	8140 Quintais

È claro que isto é uma estimativa sempre por baixo, tendo o capitão também uma estimativa ainda muito mais por baixo, porque o capitão marcava o peixe de duas formas, uma era aquilo que marcava dos botes e outra erro o que marcava no volume

dos deques, que era aquela que eu também marcava, assim era um pouco por baixo, porque o capitão no fim da viagem levava os salgadores mais experientes, para fazerem uma avaliação do volume do porão.

Pescadores como o tio Manuel Tachinha, o tio João Cabral, o tio Primo entre muitos outros, eram os escolhidos pelo capitão para irem ao porão para avaliarem o bacalhau que estava salgado, para saberem a percentagem que dariam aos pescadores, para que fosse pago depois do desembarque.

Foi acordado entre o capitão, o imediato, o primeiro motorista e os salgadores, que o porão teria oito mil e setecentos quintais, e assim poderia aumentar os pescadores num aumento que ia dos quarenta aos sessenta por cento sobre aquilo que estava marcado, quando os botes descarregavam a bordo o bacalhau pescado.

Foi decidido que haveria um aumento de cinquenta por cento isto é, um pescador que o capitão tinha marcado cem quintais, teria cento e cinquenta, que é a quantia que ele ia receber quando chegasse a terra, mas haveria uma folga de aproximadamente vinte por cento que ainda ficava no porão, que serviria para que quando o navio estivesse descarregado, e o peixe fosse pesado, tornar a dar aos pescadores, que teriam mais dez ou quinze por cento que lhes teria de ser pago quase sempre pelo Natal.

Continuamos a navegar com a costa da Gronelândia à vista e como o vento era de Noroeste e caía forte, tivemos de arriar as extensulas porque o navio mergulhava muito e como ia muito carregado era um perigo andar da proa para ré por causa da vaga do mar.

Hoje da tarde o imediato disse-nos que já tínhamos passado o cabo Faroe e que talvez amanhã teríamos melhor tempo, pois era costume que quando passássemos este cabo, quase sempre caíam fortes brisas de Noroeste, mas amanhã esperava que teríamos melhor tempo.

Quarta-feira 2 de Setembro de 1953

2º Dia de viagem

Não está muito frio e está uma ligeira brisa de Oeste e o rumo agora é Sul sueste e vamos a navegar a seis milhas à hora, o que para nós é muito bom, pois andamos cento e cinquenta milhas por dia, e Deus queira que andássemos sempre assim, mas infelizmente vamos ter piores dias.

O vento da tarde começou a ficar bonançoso e tivemos de arriar o traquete e a vela grande e agora só andamos a cinco milhas por hora, que é quanto o motor dá com o tempo que está, pois se vier vento pela proa nem isto dá.

Hoje tenho o quarto das seis à meia noite e não tenho vigia, porque a minha vigia foi às dez horas da manhã, mas como o tempo está bom fazemos a vigia à ré, mas quando está de noite fazemo-lo à proa em cima do esparteque.

Como não há nada para fazer, estamos a tirar os anzóis do trol e amarramos nas enxárcias para secar e guardamos os anzóis, para junto com os cestos e a pala menta entregar ao capitão.

Depois da ceia os pescadores sentaram-se à volta da mesa e a conversar, enquanto o outro quarto que estive de serviço iam para os seus beliches dormir pois entrariam de serviço à meia-noite.

Como estava bom tempo e o navio navegava só com o homem do leme e o oficial de quarto e os homens de vigia, enquanto o resto do quarto estava de prevenção no rancho, calçados e com roupa de oleado à mão para estarem preparados para o que fosse preciso.

Falava-se que este ano foi bom, que houve bastante bacalhau e que não caiu muitas brisas, os mais velhos não se lembrarem de ter uma viagem tão boa como esta, pois que

ainda o ano passado foi muito má, e que tiveram de ir para a Gronelândia pescar para acabar o carregamento.

Quinta-feira 3 de Setembro de 1953

3º Dia de viagem

O tempo tem vindo a melhorar, e como vamos a navegar só com o motor, vamos a navegar mais devagar isto é a cinco milhas por hora, e por isto estamos a aproveitar o bom tempo para por as coisas em ordem.

Todo o pessoal dos quartos começaram a guardar todo o aparelho com que se tinham servido, foram os escaladores com as suas equipas, a lavar as mesas e as celhas e a guarda-las no corredor, enquanto os salgadores lavavam as mangueiras que se tinham servido para a salga do bacalhau, enquanto outros pescadores guardavam nas locas as suas velas, estas que iriam servir para o ano seguinte.

Também os moços tinham trabalho, tinham de limpar o convés dos limos, guardar os cestos de trol que os pescadores se tinham servido para os seus aparelhos, enfim toda a gente trabalha para por o navio em ordem.

Estamos a navegar sozinhos, os navios que tinham partido connosco já há muito tinham desaparecido da nossa proa, o tempo está a melhorar, estava calma e só levamos içado o triangulo no mastro da mezena, geralmente este pano nunca era arriado, porque ajudava a aguentar o rolo do navio.

Amanhã se o tempo continuar bom, devemos aproveitar para lavar os botes, tirar a palamenta, que será entregue ao capitão, enfim vamos ter pela frente muito trabalho.

Depois do jantar os pescadores sentaram-se à volta da mesa e a conversar, estavam contentes, pois que o ano tinha sido muito bom, enquanto outros iam dormir, pois que à meia-noite iam estar de quarto em cima.

Eu estava de quarto de descanso e tinha estar desperto aos louvados da meia-noite, pois que embora estivesse bom tempo, quando soavam os louvados era para todos se levantarem.

Sexta-feira 4 de Setembro de 1953

4º Dia de viagem

Continua bom tempo, está uma leve aragem de Nordeste que não dava para içar qualquer vela.

Depois do almoço o contra-mestre veio dizer à tripulação que íamos desarmar os botes e lava-los, pois tínhamos de aproveitar o bom tempo, e por isto foi desactivado os quartos e toda a gente veio para cima, cada um para o seu lado que estava os seus botes, pois tinham de aguardar as suas palamentas, embora toda a gente ajudasse uns aos outros, já se sabe que não cabia todos os botes no convés, tinham ser desarmados duas pilhas de cada vez, lavar os botes, retirar o ferro, o rodo e a agulha e depois de lavados empilhá-los de novo.

À hora do jantar que era ao meio-dia, como de costume quando o navio estava a navegar, já tínhamos as primeiras quatro pilhas prontas e era questão de quatro horas de trabalho e estava acabado.

O meu bote ainda não estava pronto porque estava no lado de dentro do navio, por isto de manhã eu ajudo os outros pescadores a limpar os seus botes que à medida que estavam prontos iam sendo empilhados e amarrados.

Depois do jantar foram desarmadas duas pilhas de botes de bombordo e as de estibordo, e foram espalhados pelo convés e então os donos dos botes retiram os quetes os bancos para serem lavados.

Todos se ajudavam uns aos outros, o José da Cunha que tinha já o seu bote pronto, estava-me a ajudar a mim como eu ajudei a ele, e era assim que o trabalho era feito por todos de boa vontade, pois ao contrário quando íamos em viagem para o Grande Banco,

tínhamos de fazer o mesmo serviço, mas ao contrário, pois estávamos a trabalhar com alegria, pois agora sabíamos que íamos em viagem para casa com o navio carregado, e estamos todos de boa saúde.

Sábado 5 de Setembro de 1953

5º Dia de viagem

O tempo continuava bom, caía uma pequena brisa de Sudoeste, e de manhã o contra-mestre mandou içar os panos de proa, o traquete e a vela grande.

Como o mar estava chã, estamos a navegar bem e agora vamos a seis milhas à hora, o que é muito bom entendendo a que quando navegamos a motor, só navegamos a quatro ou cinco milhas, isto quando o mar estava calmo e o mar raso.

O meu quarto de serviço é do meio dia às seis da tarde e por isto quando entrei de quarto já os panos estavam içados, e não tinha nada que fazer a não ser ouvir as histórias que o tio Frazão contava no rancho, e com os pescadores a ouvir as histórias de roldão e os doze pares de França.

À tarde o imediato veio avisar os pescadores para vir para ré para entregar a pala menta, isto é o aparelho que nos tinha sido entregue no princípio da viagem.

Segui para ré, assim como os pescadores que estavam de quarto em cima e levamos connosco as linhas, que já estavam secas, o rodo o ferro e o grapolim, também levamos os anzóis, não levei a agulha porque como pescador verde não me tinha sido entregue, mas todos os outros pescadores, excepto os verdes entregaram as suas agulhas.

Por sua vez os pescadores, a quem tinha sido entregues pelos escaladores, uma faca e uma pedra de afiar, entregaram estes artigos ao capitão.

O dia passou-se assim, o tempo era-nos favorável, e estamos muito contentes por até agora a viagem ter sido boa.

Das cinco às seis horas tive uma vigia e como era costume de dia e com bom tempo esta era feita de ré junto da casa do leme, onde o João Gafanhão e alguns pescadores combinavam um novo verso para dar esta noite aos louvados, que seria diferente.

Domingo 6 de Setembro de 1953

6º Dia de viagem

O tempo está bom apesar de estar um pouco de vento, o que fazia agora com que o navio navegasse a sete nós por hora.

A meio da noite houve os louvados pelo João Gafanhão, o Joaquim da Graça, o José e o Adriano Braga, que vinham entoando os louvados enquanto desciam as escadas do rancho.

Ao contrário dos dias anteriores em que os louvados eram mais simples, os louvados de hoje foram escritos em versos e depois declamados à boca do rancho.

Os louvados foram dados no meu quarto e eu acompanhei os cantadores junto com outros pescadores que também cantavam, pois tinha sido ensaiado e isto só era bonito de ouvir, quando era cantado em coro.

Ao contrário de outros dias em que os louvados eram ditos por um só homem e que era mais ou menos assim.

Seja Louvado Nosso Senhor Jesus Cristo.

È meia-noite. Está bom tempo, venha um homem para o leme, e dois para a vigia, estes louvados de hoje comemorava a primeira semana de viagem, e que graças a Deus até agora tinha sido muito bom.

Como eu não sabia o verso todo de cor, eu pedi ao João Gafanhão que me emprestasse uma cópia que era para por no meu diário, pois que agora que estávamos de viagem e estava bom tempo e nós não tínhamos nada para fazer, e eu tinha mais tempo para escrever, os versos eram assim;

Seja Louvado Jesus Cristo
Para sempre seja Louvado
Venha o quarto de baixo para cima
Que o de cima está acabado
Seja Louvado também
A Divina Virgem Maria
Que nos leve a salvamento
Que nos guie e ilumine
Vá bate meia-noite
Acaba esta, vem o dia

Venha um homem para o leme
Venha dois para a vigia
Venha o resto do quarto
Para lhes fazer companhia
Deus nos dê boa viagem
Nossa Senhora nos guie.

Estas cantigas eram cantadas no quarto que acabava à meia-noite, pois nos restantes quartos, das quatro horas, do meio-dia e das seis horas eram dadas da seguinte maneira;

Seja Louvado Nosso Senhor Jesus Cristo
Está bom tempo, são quatro horas
Venha dois homens para a vigia
E outro para o leme

Se estava mau tempo, era mandado ao quarto vestir as suas roupas de oleado para virem fazer as manobras que eram necessárias.

Neste caso os homens vestiam as suas roupas de água e vinham para cima proceder a manobras que eram precisas para o bom funcionalmente da respectiva manobra.

De manhã como o vento mudasse para Oeste, o contra-mestre mandou içar a extênsula e o navio começou a dar os sete milhas e o mar começou a galgar a bordo do navio e os homens estavam agora de prevenção para os trabalhos que fosse preciso fazer para o caso do vento vir a crescer.

No quarto do meio-dia às seis, que era o quarto do imediato, na qual eu fazia parte, a maior parte do pessoal do quarto estava à ré conversavam e faziam prognósticos a respeito do tempo, que por enquanto ainda era uma brisa, mas já com uma certa importância.

Sai do quarto às seis horas e foi dado ordem para o pessoal ficar de prevenção para o caso de arriar alguns panos.

Depois da ceia fui escrever estas linhas o que me levou duas horas.

Segunda-feira 7 de Setembro de 1953

7º Dia de viagem

Hoje tive uma vigia das três às quatro da manhã, hora em que eu saía do quarto e o tempo ainda era o mesmo, o mar estava ainda chã, embora já estivesse uma boa brisa, o navio navegava bem apesar se vez em quando cair uma vaga de mar no convés pelo lado de bombordo, mas por enquanto nada que fosse coisa para alarme.

Às quatro horas deu os louvados e depois do café pus-me a escrever alguma coisa que tinha acontecido no dia anterior, porque agora não temos mais nada que fazer senão estarmos preparados para as manobras do navio, ou então estar no rancho a conversar

sobre a percentagem que o capitão nos ia dar sobre o que tinha marcado e nós sabíamos quanto é que tínhamos apanhado, pois semanalmente o capitão enviava para a proa a lista de pescado que tínhamos feito e por isso nós todos sabíamos o peixe que tínhamos apanhados.

Normalmente depois do capitão, do imediato, do maquinista, que eram os homens encarregados dos trabalhos no porão, com os salgadores, que eram, o tio Manuel Tachinha. O tio João Cabral, o tio Primo, o tio José prenda e mais alguns outros que iam ao porão fazer uma avaliação do volume no porão, depois desta avaliação feita que é, o capitão nos iria dar a percentagem daquilo que tínhamos pescado o que geralmente era de cinquenta por cento.

Eu tinha apanhado noventa e oito quintais o que com cinquenta por cento dará mais ou menos cento e quarenta e sete quintais.

Entendendo o que era o meu primeiro ano como pescador, era muito bom, porque havia muitos pescadores já com vários anos como pescador, apanharam muito menos.

À noite foram arriadas as extensulas, porque agora o mar está com mais vaga e o vento está a crescer.

Terça-feira 8 de Setembro de 1953

8º Dia de viagem

Estou de quarto em cima e o tempo tem vindo a piorar e como rodasse para Sudoeste o capitão mandou arriar as extensulas, e começamos a navegar só com os panos de baixo. Eram cinco horas da manhã e o tempo agora não agoirava nada de bom. O mar galgava o navio da proa à popa e o capitão mandou ver se estava tudo seguro a bordo, porque pela certa íamos ter tempestade e era bom que tudo estivesse a postos e preparados para a tempestade, foram esticados os cabos da prosa à ré para fazer corredores para os pescadores passarem da ré para a proa em segurança.

Foram cassadas as escotas, porque como o vento era de Sudoeste é praticamente quase pela proa e por isto também foi arriada a vela da burgarona, ficando só à proa a vela de estai e a polaca, o vento continuava a crescer e o capitão mandou o pessoal de quarto estar todo de prevenção, pois a qualquer hora podiam ter de fazer alguns trabalhos, como arriar mais panos porque o vento ainda era cada vez mais e as vagas mais alterosas.

Não tive vigia das quatro às cinco, mas mantive-me sempre à ré junto com outros pescadores, como o José braga, o tio Manuel Tachinha, o tio João Cabral e o tio Manuel braga, e vários outros pescadores, que quando fazia mau tempo estavam sempre junto à casa do leme e sempre prontos para qualquer manobra que fosse preciso fazer. Os outros homens do quarto estavam à proa vestidos com as suas roupas de oleado também em alerta.

O meu quarto acabou às oito horas da manhã e o tempo estava cada vez pior e receava-se que no quarto seguinte, que era o quarto do capitão, teríamos que arriar os restantes panos para por o navio de capa.

Depois de tomar café fui ver se dormia um bocado, mas com o balanço do navio, e o mar a galgar a proa e a bater com estrondo na casa do motor do guincho, eu não pude dormir.

Ao meio-dia era de novo o meu quarto, que era o do imediato, estava de serviço e depois do almoço, eu e os restantes pescadores do quarto tornaram a vestir a roupa de oleado e viemos para cima para fazer as manobras que fosse preciso fazer.

O vento agora vinha às rajadas e o mar aumentou, batia no costado e galgava o navio de borda a borda, não se podia estar à proa do navio, pois que o mar também galgava a proa e a vigia agora era feita de ré.

Às duas horas o contramestre, às ordens do capitão que estava na câmara a ouvir as comunicações dos outros navios que iam a navegar à nossa frente, mandou arriar a vela grande e o traquete e a vela de estai, e agora navegamos com a polaca e a vela triangular da mezena pois praticamente estávamos de capa.

Para o fim da tarde foi mandado arriar a polaca e como o vento mudou para Sul, foi posto o navio de capa, porque de maneira nenhuma o navio podia navegar, pois agora as vagas eram mais alterosas e o vento vinha com fortes rajadas, que até parecia um furacão.

Já tinha sido partido alguns arcos do triângulo, e pedíamos a Deus que os restantes aguentassem, pois seria muito mau se ficassemos sem este pano, que servia especialmente para aguentar de capa o navio.

A vaga continuava alta, a galgar o navio e o vento vinha ainda com rajadas mais fortes, mas o navio aguentava-se bem só com o triangulo içado e o motor a meia força, mantinha-se aroado ao vento e ao mar, mas o nosso receio era que o triangulo não se aguentasse muito tempo em cima pois receávamos que alguma rajada mais forte o levasse, quando fosse partindo mais alguns arcos.

Era já quase seis horas da tarde, quando o pior aconteceu, uma rajada mais forte partiu os restos dos arcos do triangulo, e levou este pela borda fora e levando consigo um bote de cima da pilha de ré, que estava seguro à proa e à ré.

Foi dada ordem ao motorista para que desse mais força no motor para manter o navio o mais possível aroado ao vento, enquanto o contra-mestre e outros pescadores se preparavam para substituir o triangulo e por arcos novos, o que foi feito rapidamente, foi arriado o que restava, e foi só por os arcos novos, e em meia hora já estava o pano outra vez içado.

Embora o vento continuasse forte, as rajadas agora eram mais descompensadas e parece que a rajada mais forte foi a que levou o triângulo

Entretanto foi mudado de quarto, e o quarto que estava em cima era das seis à meia-noite e foi o quarto do capitão.

Depois de comer fui-me deitar, e de tão cansado que estava que peguei logo no sono, apesar de o navio meter a proa com estrondo e o mar a galgar da proa à ré.

À meia-noite foram dados os louvados e acordei ao som do sino que o cozinheiro tocou para os quartos tomarem o café e pareceu-me que o navio estava mais sossegado e que não batia muito com a proa, parece-me que o tempo está a melhorar.

Quarta-feira 9 de Setembro de 1953

9º Dia de viagem

Estou de quarto da meia-noite às quatro da manhã, depois de tomar o café vim para o convés e vi que o tempo tinha melhorado bastante, embora o navio ainda estivesse de capa.

O vento agora era de Sudoeste, o mar estava mais calmo e não tardaria muito, que o imediato mandasse içar alguns panos e tirar o navio de capa, porque embora o vento já fosse favorável, o mar estava ainda um pouco alto.

O imediato disse-nos que os navios que navegavam mais à frente umas cem milhas, já estavam a navegar com vento favorável de Noroeste bonançoso desde as dez horas, mas como estava ainda um bocado de mar talvez, que lá para o principio da manhã, se o tempo continuar a melhorar nós iremos tirar o navio de capa e continuar a navegar, porque nestes últimos dois dias pouco navegamos, estivemos praticamente parados, e claro como estávamos ansiosos por chegar a casa a nossa ansiedade aumentava cada vez mais.

Às quatro horas da manhã, depois de tomar o café fui-me deitar ainda com o navio de capa, mas com o tempo já a melhorar.

O imediato disse-nos que talvez se o tempo continuasse a melhorar, talvez o capitão tirasse o navio de capa logo que amanhecesse e o dia estivesse mais claro.

Levantei-me ao meio-dia para o jantar, depois do jantar vesti a roupa de oleado e fui para a ré.

O navio já se encontrava a navegar, com os panos da proa içados e o triângulo, mas com a vela grande e o traquete arriado. O vento era de Oeste e soprava com pouca intensidade, e o mar estava quase chã, o que nos levava a crer que ainda no nosso quarto, o traquete e a vela grande seriam içados.

A barquinha, que era uma espécie de relógio que estava à popa do navio e que tinha uma corda que na extremidade estava uma pequena hélice, que contava as milhas que nós andamos em vinte e quatro horas e que foi içado para logo que o navio foi posto de capa, agora já tinha sido lançado ao mar e agora estamos a navegar a quatro milhas à hora, que era muito pouco, mas esperamos que dentro em breve quando içássemos os restantes panos e o mar tiver melhor andaríamos um bocado mais.

Efectivamente pelas quatro horas da tarde o contra-mestre mandou içar o traquete e a vela grande, pois que o tempo está melhor, e agora já podemos navegar com os panos içados.

Içamos a vela grande e o traquete e agora o navio está a dar as seis milhas por hora, e oxalá que o tempo continuasse a melhorar, que é para ganhar algum tempo perdido.

Como vamos para a noite, as extênsulas não serão içadas hoje, estamos a navegar só com os panos de baixo içados e talvez amanhã se o tempo continuar bom talvez seja içados as extênsulas.

Depois do jantar como tinha a minha escrita atrasada, fui buscar o meu caderno e a esferográfica o que se passou nos últimos dois dias.

Quinta-feira 10 de Setembro de 1953

10º Dia de viagem

O dia amanheceu já com boa cara, e o meu quarto agora é das oito ao meio-dia, talvez vamos içar as extênsulas, são duas velas que são içadas entre o mastro do traquete a vela grande e a mezena. São duas velas que dão velocidade ao navio quando são içadas com vento fresco e mar raso e como o vento é do Noroeste um pouco fresco e o mar está raso é natural que estes panos sejam içados.

O contra-mestre veio da ré depois de ter falado com o capitão, e mandou-nos preparar para içar as extênsulas.

As velas foram içadas e agora o navio navega bem, porque agora o mar está chã e vamos a navegar a sete milhas por hora. O dia passou-se sem outra novidade, como estava bom tempo e os homens que faziam o quarto das seis à meia-noite, depois do jantar já não vestiram as suas roupas de oleado, embora estivessem sempre à mão para o que desse e viesse, porque nestes mares o tempo pode mudar dum momento para o outro.

Depois do jantar como não à mais nada que fazer, os pescadores sentaram-se à mesa e conversavam de momentos passados com o mau tempo e com os acontecimentos passados com o triângulo, que podiam ter consequências graves, mas felizmente não tinha passado dum susto, enquanto outros ouviam as histórias do tio Frazão, que era com que os pescadores se entretinham em viagem quando não havia nada que fazer e estava bom tempo.

Eu como estava cansado depois das seis horas de quarto em cima, vou por a minha escrita em dia e depois vou dormir, porque a seguir a um quarto vem outro, e quando toca os louvados é para todos se levantarem, porque nunca se sabe os trabalhos que vamos ter, apesar de o tempo agora estar a melhorar e o mar está mais calmo e o vento não ser muito.

Às sete horas fui-me deitar porque à meia-noite tenho de me levantar.

Sexta-feira 11 de Setembro de 1953

11º Dia de viagem

Entrei de quarto às quatro horas da manhã, não fazia muito frio, o mar estava melhor, e caía uma brisa fresca de Noroeste. O navio continuava a dar os seus sete nós, e com os panos todos içados, e vamos lá a ver se não temos mais tempestades até ao fim da viagem, que além de nos dar trabalho ainda nos atrasa, e todos estão ansiosos de chegar a casa depois de cinco meses de trabalhos duros como é a pesca do bacalhau.

A alegria agora é enorme, estão todos contentes, já se esqueceram da amargura da vida, dando graças a Deus por conseguiram os nossos objectivos, que eram principalmente estarem de saúde e de levarem o navio carregado de bacalhau.

Depois da tempestade que nos atrasou a viagem e do árduo trabalho que era içar e arriar as velas muitas vezes debaixo de tempestade, do frio e da chuva, agora estamos a ter bom tempo e isto alegra-nos os corações.

Às oito horas o quarto em baixo que era o quarto do capitão veio render, depois de ter tomado o café e nós que éramos do quarto do imediato fomos por nossa vez tomar café e descansar-mos nos beliches.

Como de costume os pescadores sentaram-se à volta da mesa e depois do café alguns foram dormir, e agora que estava bom tempo, algum pessoal do quarto que estava de serviço também vieram para o rancho, ouvir as histórias do tio Frazão, histórias essas que pareciam não ter fim.

O tempo continuava bom, íamos a navegar a todo o pano, fiz quarto das seis à meia-noite onde eu e o José da cunha fizemos a ultima vigia das onze à meia-noite, junto à casa do leme onde o tio Primo fez a sua hora de leme e depois dos louvados da meia-noite fui-me deitar.

Sábado 12 de Setembro de 1953

12º Dia de viagem

Eram oito horas da noite quando acordei ao som do sino do cozinheiro, que era para o quarto que estava em baixo tomar café, e depois de tomarem o café vieram para cima rendeu-se as vigias e o homem do leme.

O meu quarto foi das quatro às oito, mas como já tinha feito a minha vigia e o tempo estava a correr bem, deixei-me estar no beliche o que geralmente fiz depois de dar uma espreitadela lá em cima no convés.

O navio continuava a navegar bem com todos os panos em cima, não estava frio e já cheirava a mar dos açores, no dia catorze se não houver contratempo nenhum, devemos chegar a São Miguel depois de uma viagem de quase quinze dias.

Depois fui para o rancho onde alguns pescadores jogavam dominó. Entrei de quarto ao meio dia e como já tinha dormido bastante vim para o convés onde estavam alguns pescadores a por em ordem o navio, tirar os cabos que tinham sido postos antes da tempestade, cabos estes que iriam da proa à ré e que serviam de corredores de segurança para os pescadores passarem e seguravam-se quando havia mau tempo.

O tempo está bom, o vento continuava de Noroeste, enchendo os panos e o mar estava calmo.

Os dias agora custava mais a passar, pois apesar de precisarmos de mais dois dias para chegar a terra, estava a ver que nunca mais lá chegávamos, as horas eram cada vez mais compridas e os quartos levava uma eternidade a passar.

Não se passou hoje mais nada digno de nota, passávamos o tempo a conversar e depois dormir.

Domingo 13 de Setembro de 1953

13º Dia de viagem

Hoje o meu quarto foi das oito horas ao meio-dia, o tempo estava bom, pelo menos para navegar à vela.

O imediato disse-nos que chegaríamos a São Miguel por volta do meio-dia, e já estavam alguns pescadores a porem as suas roupas e pertences nos seus sacos, só deixavam as suas camas, porque ainda tinham de dormir mais uma noite.

A alegria a bordo era bastante, estávamos muito alegres por chegarmos todos de boa saúde e apesar de tudo fazer uma boa viagem.

Às seis horas arriamos as extênsulas e vamos a navegar o resto da viagem com os panos em baixo e mesmo estes talvez sejam arriados esta noite porque o vento está a escassear.

Ao meio-dia depois do jantar fui dormir mais um bocado, porque entrava de quarto em cima das seis horas à meia-noite e tinha uma vigia das oito às dez da noite.

Esperava que com este bom tempo o navio entrasse no Porto de Ponta Delgada de manhã, talvez lá para as dez da manhã, isto é se o tempo continuasse bom como tinha estado até aqui.

Alguns pescadores do meu quarto, de São Miguel já tinham arrumado os seus pertences, mas eu vou esperar para amanhã, porque o meu companheiro de beliche, o tio Artur bonança disse-me para ensacar a roupa neste dia, pois era menos barafunda e nós podíamos fazer este serviço mais descansados.

Como estava a faltar vento o imediato veio dizer para arriarmos o traquete e a vela grande e também a vela da burgarona e ficasse içada só a vela de estai, a polaca e o triângulo.

À meia-noite vimos luzes a estibordo e o imediato disse-nos que era a Terceira, e manhã pelas dez horas chegaríamos a São Miguel.

Fui-me deitar à uma da manhã depois de deixarmos as luzes da Terceira para traz de nós na esperança que em breve veríamos a São Miguel.

Segunda-feira 14 de Setembro

14º Dia, ultimo dia de viagem

Deitei-me à uma da manhã, mas não pude dormir, porque os pescadores não deixaram de fazer barulho, pois diziam que já se viam as luzes de São Miguel.

O tio Artur Bonança às quatro horas de manhã disse-me que era melhor ensacarmos a roupa com mais calma.

Ensacamos as nossas roupas e pertences, e preparei uma roupa melhor para desembarcar e trazemos tudo para o convés, e a esta hora como já era dia víamos São Miguel pela nossa proa.

Foi uma alegria, estamos a olhar para a proa e às oito horas passamos pela Ponta da Ferraria, e não tardaríamos muito que chegássemos a Ponta Delgada.

Às nove horas o imediato veio dizer-nos para irmos para ré o capitão nos ia dar os papeis do pagamento do peixe pescado, onde nestas folhas estava anotado os quintais de bacalhau que tínhamos pescado e a respectiva factura para recebermos no representante da firma em Ponta Delgada.

O peixe calculado que apanhei foi de cento e quarenta e sete quintais, o que equivale em quilos oito mil oitocentos e vinte, e valor em dinheiro era de cinco mil seiscentos e setenta e seis escudos.

Eram onze horas quando entramos na barra de Ponta Delgada, e foi com muita alegria que acostamos ao cais, onde esta a minha mãe e os meus irmãos à minha espera, pois que no dia anterior tínhamos mandado um telegrama a dizer que chegávamos a São Miguel pelas dez horas.

Todos se abraçavam e choravam de alegria, pois estavam juntos depois de longos meses de ausência.

A bordo do navio Lugre a motor “OLIVEIRENSE”- 14 de Setembro de 1953

Depois de 1953, nunca mais escrevi, até 1965 data em que foi o naufrágio do “Oliveirense”, por achar que não valia a pena, porque escrevendo os anos de 1952 e 1953 já não havia mais para contar, achei que todos os dias aconteciam o mesmo, e era monótono escrever sempre o mesmo.

Também havia o tempo perdido, pois como tinha de escrever todos os dias, perdia o meu tempo de descanso, e muitas vezes escrevia na hora da vigia, e tenho de agradecer ao José da Cunha, que sendo meu companheiro, fazia a vigia só, porque eu estava no rancho a escrever e também aos outros pescadores que me incentivavam para escrever apesar de saberem que eu faltava a muitas vigias.

Depois aconteceu que eu não embarquei em na campanha de 1954, porque apanhei uma pneumonia e tive de ficar em terra até ao mês de Setembro e depois deste Mês embarquei para Lisboa onde fiz o serviço militar em Vila Franca de Xira, na escola de alunos marinheiros, onde fiquei três meses, passando depois para o navio draga minas “Velas”, onde fiquei também um mês, passando depois para o depósito de material de guerra da Azinheira onde fiz o resto do serviço militar, que terminou em Março de 1955, embarcando em Abril deste mesmo ano para a pesca do bacalhau no mesmo navio, e não pensando mais em escrever e não levando papel, senão o indispensável para escrever cartas para a família.

Hoje penso que fiz mal, pois depois de passarem tantos anos, sei que ficou muito por dizer com respeito ao dia a dia que se passava e havia sempre coisas novas para escrever.

Agora passados cinquenta anos arrependo-me de não ter continuado a escrever e podia registar alguns acontecimentos importantes que se passaram e que agora vou escrevê-los, para memória futura.

NAUFRÁGIO DO NAVIO “OLIVEIRENSE” EM 1965

Este ano, fizemos toda a campanha da pesca do bacalhau no grande banco.

Depois de alguns anos, navios como o “Gazela” o “Hortense” e o “Terra Nova”, terem feito boas safras no grande banco, ao contrário dos navios que pescavam na Gronelândia, com o peixe a escassear e as brisas que dificultava a pesca e que estavam a fazer safras fracas, os navios que estavam à pesca no grande banco, estavam a fazer boas pescas e o tem sido razoável e mesmo bom.

Por isto os armadores do “Oliveirense” resolveram que também iam ficar no grande banco e fazer ali a sua estadia e pesca, porque para além de se poupar tempo de ida e volta à Gronelândia, também se poupava nas despesas.

E a verdade é que embora não pescássemos aquilo que estávamos à espera, o tempo tem estado bom por isso estamos a pescar mais dias e está a compensar.

Nos meses de Abril a Julho, estivemos sempre a pescar no grande banco, mas quando chegou o tempo em que o bacalhau chegou em grandes cardumes ao Virgin Rocks que era mais ou menos nos fins de Julho, mudamo-nos para o Rocks onde já estavam outros navios como o “São Jorge”, o “Hortense” o “Gazela” e o “Terra Nova”, que estavam a fazer boas pescarias.

O Virgin Rocks era um banco pequeno que como o nome indica era uma ilha de pedra no meio do Grande banco e rodeadas por outras pequenas parcelas e estas rodeadas por areia e que só os pescadores mais velhos conheciam e que lhes davam vários nomes consoante a situação que estavam no Virgin Rocks.

Os navios estavam ancorados sempre a sotavento do banco donde arriavam os botes e estes remavam para o Rocks que estava marcado com grandes bóias, para os pescadores que se perderem, precisar onde ficar este banco e também largarem os seus aparelhos.

Como era um banco muito pequeno, e como havia vários navios com algumas centenas de botes, os pescadores só usavam duas ou três linhas de cinquenta braças, cada linha, e os anzóis eram postos de metro a metro, pois como havia muito peixe, principalmente nas beiradas, assim se apanhava mais bacalhau, só de um banco.

Qualquer bote que desse dois lances sem empachar com mais botes, porque os botes eram tantos para um banco tão pequeno, carregavam os botes mas havia às vezes três ou quatro botes embaralhados uns com os outros, e levavam o dia assim sem pescar nada.

Com todos estes contratempos, ainda assim começamos a pescar bem e tínhamos que aproveitar bem o mês de Agosto e tirar o máximo rendimento por ainda sermos meia dúzia de navios a pescar no Virgin Rocks, mas a coisa mudaria para pior quando os navios que estavam na Gronelândia comessem a vir para o grande banco, o que faziam quando não fizessem o carregamento no Norte e viessem para o Sul, para o Virgin Rocks, acabar de atestar os porões.

Na primeira semana de Agosto já tínhamos mais de seis mil quintais de bacalhau o que era bom, entendendo a que no ano anterior, só pescamos sete mil quintais, tendo ainda os meses de Agosto e Setembro para pescar e se as coisas corressem mal teríamos o mês de Outubro para pescar.

Quinta-feira 5 de Agosto de 1965

Estamos a ficar sem isco e alguns mantimentos e depois de metermos os botes dentro neste dia, o capitão mandou suspender o ferro e rumamos para Noroeste para Sant John para nos abastecermos o que fosse preciso o mais rapidamente possível, pois navegando de noite chegaríamos a Sant John sobre a manhã e só perdemos um dia de pesca, na pior das hipóteses dois dias, e depois tornaríamos a navegar de noite para chegar ao rocks no dia sete e caso não despachássemos no dia seis então chegaríamos no dia oito.

Entramos no Porto de Sant John no dia seis de Agosto pelas dez horas de manhã, metemos o piloto e entramos na barra e encostamos à muralha.

O capitão mandou avisar pelo contra-mestre que iríamos carregar o isco e depois do almoço, que não saíssemos de bordo sem autorização.

Os pescadores mantiveram-se a bordo até ao almoço, alguns aproveitaram o tempo para fazer novos aparelhos, pois no Virgin Rocks se perdia muito aparelho em virtude de não se usar balão e o fundo ser de pedra, o que fazia com que o aparelho pegasse no fundo e se partia, e lá se ia um dia de pesca, mas alguns pescadores já levavam aparelho sobressalente, para o caso de vir a perder algum, por isto estavam constantemente nos tempos livres a fazer os seus aparelhos.

Finalmente às quatro horas da tarde do dia seis de Agosto, chegou um camião carregado de lula e foi-nos dito que só amanhã de manhã chegaria o resto.

Nesta tarde abastecemos de gasóleo e água e veio um camião com mantimentos, batatas, cebolas, hortaliças e outros mantimentos que nós precisaríamos.

Depois de termos feito este serviço, o contra-mestre veio dizer que quem quisesse podia sair, pois só amanhã de manhã é que vinha o resto do isco, mas as vigias continuavam como estivéssemos no mar, e que ficassem com atenção para que o navio não ficasse sem guarda.

Eu como já tinha feito a vigia das duas às três, só teria outra vigia no outro dia de manhã, combinei com outros pescadores para irmos ao cinema, assim o tio Artur Bonança, o tio Manuel Tachinha, o José da Cunha e outros pescadores, juntando-nos e resolvendo ir ao cinema.

No Porto não estava nenhum navio Português, de pesca só estava uma parelha espanhola, que por certo também vinha se abastecer de combustível e mantimentos.

Pelo caminho e como ainda era cedo, fomos admirando as montras dos estabelecimentos e também os aparelhos de televisão que estava nestas mesmas

montras, e nós parava-mos para admirar estes aparelhos que era como um ecrã de cinema em ponto pequeno, que já havia em Portugal, mas que ainda não tinha chegado aos Açores.

Chegamos finalmente ao cinema à hora de principiar, compramos os bilhetes, entramos e sentamos e imediatamente começou o filme.

Era onze horas quando acabou o filme, e como costume aqui em Sant John, imediatamente apareceu no ecrã a Rainha de Inglaterra ao mesmo tempo que tocava uma música, que era o hino de Inglaterra.

Como de costume toda a gente se pus em pé e nós também fizemos o mesmo, até estar finalmente as luzes acesas e a música estar concluída e o ecrã apagado.

Depois saímos e viemos a conversar, já nesta altura todos os estabelecimentos estavam fechados, mas como tínhamos toda a noite para dormir viemos andando devagar até chegarmos a bordo do navio à meia-noite onde ainda estavam alguns pescadores a conversar à volta da mesa.

Fui-me deitar porque tinha uma vigia antes do almoço e por isto tinha de acordar cedo.

Sábado 7 de Agosto de 1965

Efectivamente, o camião do isco veio às dez horas e logo começamos a descarregar, e perto do meio-dia já estava tudo guardado no congelador.

Agora tínhamos isco para o resto da faina e o mais certo era não vir mais ao Porto de Sant John, porque atestamos os tanques de gasóleo e de agua que dava para o resto da viagem, pois como o navio estava sempre ancorado no mesmo sítio, a não ser nas raras vezes em que o vento mudava de direcção e que o motor trabalhava para se pôr a sotavento dos botes.

Depois do jantar que foi ao meio-dia, chegou o piloto a bordo e foi dado ordem a alguns pescadores que estavam no molho de cima para virem para bordo, pois que o navio ia largar.

Depois de todos estarem a bordo, foram largadas as amarras e saímos a barra para o mar alto com rumo ao Sueste e ao Virgin Rocks onde chegaríamos pela manhã.

Depois que passamos a barra, o navio parou e o piloto saltou para a lancha, que nos vinha a acompanhar e que o levou para terra.

Domingo 8 de Agosto de 1965

Navegamos, com bom tempo a tarde toda e a noite e o navio ancorou às três da manhã no mesmo sítio onde tínhamos saído para ir a Sant John.

Os louvados foram como costume às quatro horas e depois do almoço fomos andando para ré para recebermos o isco.

Estava bom tempo, o mar estava calmo e não caía a mais pequena brisa, parece-me que vamos continuar com bom tempo Deus queira que o bacalhau não nos falte.

Ao nosso lado estava ancorados quatro ou cinco navios, que eu não soube quem eram, porque ainda estava um bocado longe, só conheci o que estava mais perto de nós, aí umas duas milhas de distancia, e que era o São Jorge que este ano também ficou a pescar no Grande Banco.

Depois de recebermos o isco, cortámos algumas lulas e iscamos alguns anzóis, não foi muitos porque o tempo não dava para arriar, depois mais tarde o moço veio dar-nos o mata-bicho e o capitão mandou arriar os botes.

Saímos do navio e marcando pelas bóias de sinalização, os pescadores cada um remava para o seu lado e logo começarem a largar os seus aparelhos e que não era mais que duas linhas e duzentos anzóis, e não se podia largar mais porque como era muitos botes de vários navios, os aparelhos eram largados muito próximos uns dos outros e muitas vezes ao largar os aparelhos e quando a agua virava para o outro lado era só ver três ou quatro pescadores todos enrolados uns nos outros e era aquele que mais podia se safar.

Com sorte alguns pescadores alavam os seus aparelhos sem problemas, e quando era assim carregavam os seus botes de bacalhau, outros com menos sorte, ou porque andavam embrulhados com outros, ou porque a água levava os aparelhos para águas mais fundas, raramente carregavam os botes com estes problemas.

Eu neste dia dei três lances e como ninguém me estorvou era meio-dia e já tinha o bote carregado de bacalhau, outro botes também, que tiveram a mesma sorte carregaram os seus botes e já tinham ido para bordo a remar e eu também pus-me a remar para bordo do navio, que não ficava muito longe, remei perto de meia hora com calma, porque não caia qualquer aragem.

Quando cheguei ao navio já estavam alguns pescadores a bordo e como ainda era cedo para içar os botes, também os cozinheiros, o motorista e o ajudante estavam no convés, a ajudar os moços a içar os botes que iam chegando.

Depois que o capitão Mário viu o meu peixe, mandou descarregar e depois os que estavam a bordo içaram o bote para a pilha, e eu comecei a desarmar os bancos e os quetes para que os outros botes pudessem encaixar dentro do meu e assim sucessivamente.

Era uma hora da tarde e ainda só estava a bordo meia dúzia de pescadores, era o José Braga e um irmão, o Acácio, o João Gafanhão, o Manuel Januário, o tio Manuel Tachinha e o António do Rego Coelho, porque os outros pescadores ainda não tinham carregado os seus botes só podiam vir para bordo quando o navio chamasse e para isso só quando fosse içada a bandeira negra que tinha esta cor por se ver mais ao longe.

Entretanto vinham chegando mais botes carregados e à medida que iam descarregando estes eram içados para bordo.

Eram três da tarde quando o capitão mandou içar a bandeira a chamar os restantes botes que ainda estavam no mar, e enquanto eles não chegavam, pusemo-nos a conversar e a fazer contas à vida, porque se a pesca corresse sempre assim, não tardaríamos a carregar o navio.

Estávamos a conversar, quando o Acácio, que era um pescador de Cachinas e que via só de um olho me disse; olha Lagoa, era assim que eles me tratavam por eu ser Natural da Vila da Lagoa em São Miguel, tu não vez um fumo a sair pela porta do motor?

A porta do motor estava situada à frente da câmara do capitão, e era uma pequena cabine com uma porta, e tinha umas escadas de ferro onde o motorista descia para ir para o sítio onde estavam as máquinas.

Eu então olhei para esta porta e vi que efectivamente saía um fumo muito lento pela casa das máquinas, mas o que mais surpreendeu foi o fumo sair pela porta toda, e não era nada de bom.

Entre mim e a cabine estava um bote, que eu logo saltei e abrindo a porta e olhando para dentro vi um fumo muito negro e lá mais para o fundo vi labaredas muito vivas, e pensei logo que o navio estava a arder na casa das máquinas, tornei a saltar o bote e disse ao José Braga que se acercou de mim e perguntou-me o que era, e eu disse-lhe que o navio estava a arder.

Ele ficou muito admirado, não me respondeu, por sua vez saltou o bote, olhou para a porta da casa das máquinas e começou a gritar que o navio estava a arder.

O capitão ao ouvir esta gritaria, veio ao encontro de nós que corriam para a proa, perguntou o que era, então dissemos-lhes que o navio estava a arder, o capitão disse-nos para vir com ele para ré para ver se conseguíamos apagar o fogo. Pois havia extintores na sua câmara e também na casa das máquinas.

Entretanto o motorista que também estava a ajudar a içar os botes, ao ouvir a gritaria, veio a saber e ao ouvir que estava a pegar fogo na casa das máquinas, reuniu-se a nós

para irmos apagar o fogo descendo pelas escadas da escotilha de ré que dava para a câmara do capitão e também para a casa das máquinas.

Ao chegarmos à ré e ao ser abertas as escotilhas que davam para o salão, vimos que era impossível descer as escadas porque o fume era tanto que não se via nada para baixo.

Como não se podia pedir auxílio pela rádio o capitão mandou os botes que iam chegando ao navio, que remassem para O"São Jorge", que era o navio mais perto, e que dissessem ao capitão o que estava acontecendo e que enviasse ao "Oliveirense" a baleeira a motor para levar a tripulação que estava a bordo, e que eram os moços o cozinheiro, o ajudante, o maquinista, o ajudante de maquinista, o imediato e o capitão.

Entretanto alguns pescadores ao ver tudo perdido, foram para a proa para ver se salvávamos, alguma roupa, entretanto a luz apagou-se e ainda enchi um saco de lona que eu tinha, cheio da melhor roupa, subi as escadas do rancho e vi o Manuel Januário e o António Rego Coelho com o bote à borda do navio, também com um saco de roupa cada um, pus o meu saco dentro do bote, depois saltei e remamos para o navio "São Jorge", onde também já iam muitos botes nossos, a maior parte deles carregado de bacalhau.

Entretanto como já havia botes nossos que tinham chegado ao "São Jorge", o capitão deste navio sabendo o sucedido, e também porque via o fumo do "Oliveirense" a sair, enviou a embarcação a motor para ver o que se passava e se fosse o caso que desse como perdido o "Oliveirense", para trazer para o "São Jorge" o capitão Mário, o imediato, o Manuel Pereira Botas que era o contramestre, o Senhor Fernando que era o maquinista o seu ajudante, e o cozinheiro e os restantes pescadores que ainda estavam a bordo.

Chegamos os três a bordo do "São Jorge", eu e o Manuel Januário o António Rego Coelho, pusemos os sacos de roupa a bordo e o capitão disse-nos para deixarmos os botes à rola.

À medida que os nossos botes iam chegando carregados de bacalhau, eles iam descarregando o peixe e largando os botes, que com uma aragem que estava iam-se afastando do navio, e quanto a estes pescadores, que tinham pescado anos sem fim naqueles botes, era como se fosse um bocado de si que se perdiam e por isto estavam todos a chorar por aquilo que julgavam ser um companheiro da sua vida.

Entretanto cada vez saía mais lume do "Oliveirense", e agora já se via labaredas a sair pela casa do motor, não estava mais ninguém a bordo, já todos tinham abandonado o navio, a maior parte com a roupa que vestiam, só aqueles como eu que estavam a bordo quando começou o fogo é que conseguimos salvar alguma coisa, o que foi só uma dúzia de pescadores, porque ao restantes ainda estavam na pesca, não puderam salvar nada do que era seu e portanto perderam tudo o que estava a bordo.

O capitão e o outros oficiais de bordo, foram os últimos a abandonar o "Oliveirense", chegaram na baleeira do "São Jorge", e eles também não traziam nada, tudo tinham perdido e nem o capitão conseguiu salvar qualquer documentação de bordo porque como já disse era completamente impossível descer as escadas que davam acesso ao camarote do capitão.

Entretanto, caía névoa e agora estava uma ligeira brisa de Sudoeste, e como no mês de Agosto estas alterações do tempo eram conhecidas, agora estava calma e de repente vinha névoa e vento fresco.

Pela meia-noite quando acabou a escala a bordo do "São Jorge", a escala demorou mais tempo, porque havia vindo mais peixe a bordo que os pescadores do "Oliveirense", haviam trazido para bordo, fomos comer a chora e o capitão do "São Jorge" veio pedir aos pescadores deste navio que arrumassem nos seus beliches os pescadores que

pudessem, e os que não arranjassem beliches que fossem dormir para a dispensa dos mantimentos, e que amanhã havia de ver o que se fazia.

Houve muitos pescadores que foram dormir nos beliches junto com pescadores do “São Jorge”, mas eu mais alguns, principalmente os pescadores São Miguel, fomos dormir para a dispensa dos mantimentos.

Vim para o convés mais alguns pescadores, ver pela ultima vez o “Oliveirense”, mas como havia névoa não se via senão as labaredas que saíam do navio, e eu fiquei a noite toda a ver arder o navio.

Segunda-feira 9 de Agosto de 1953

Pelas quatro horas de manhã houve uma forte explosão e logo depois as labaredas que nós víamos, desapareceu completamente e no lugar em que estava o “Oliveirense”, agora só se via a escuridão da noite.

Confesso que eu e outros pescadores que também assistiram a esta cena, e também quiseram estar até ao fim, ao verem a explosão e que era o fim do navio em muitos anos foram a sua casa, choramos de saudade, era como perdêssemos um amigo muito querido.

De manhã, já era dia quando fui-me deitar. Vi que tinha duas feridas na mão esquerda, e já infectadas tinha a mão inchada e estava com febre, por isto não pude dormir e os meus camaradas ao ver como tinha a mão, foram chamar o enfermeiro que me tratou das feridas e me deu comprimidos para a infecção, e logo que a infecção fosse controlada a febre baixaria.

Ao meio-dia o capitão Mário veio-nos dizer, que em virtude de excesso de pessoas a bordo do “São Jorge”, nós iríamos ser divididos por todos os navios que estavam na área, pois como havia beliches vagos nalguns navios, escusávamos de dormir mal.

Perguntamos ao capitão se já tinha comunicado ao “Gil Eanes”, ou se foi este navio que deu as ordens para sermos divididos pelos navios, e ele respondeu que em principio foi isto que lhe foi informado, pois daqui a três dias é que o “João Corte Real”, podia estar em condições de nos vir buscar e levar para Sant John.

Pedimos então ao capitão Mário senão podíamos ficar todos juntos no “São Jorge” é que nos podíamos amanhar, com tivemos amanhado no primeiro dia.

Depois do capitão Mário falar com o capitão Marques, que era o capitão do “São Jorge”, ficou resolvido que ficamos neste navio até à vinda do “João Corte Real”, que era um navio de arrasto, e que nos levaria para Sant John.

Neste dia esteve brisa e os navios que estavam a pescar no Rocks, incluindo o “São Jorge”, não arriaram para pescar.

Eu já estava muito melhor da infecção das feridas na mão, fui tratado uma segunda vez pelo enfermeiro e já não tinha febre e agora o meu pensamento e dos meus companheiros era o que tínhamos de fazer quando chegássemos ao Porto de Sant John e se levaríamos muitos dias em terra, ou se tomaríamos algum avião que nos levasse para Portugal.

Quarta-feira 11 de Agosto de 1953

Neste dia de manhã, eram dez horas, chegou o “João Corte Real”, para nos levar para Sant John, mas antes já tinha pedido a um pescador do “São Jorge”, chamado António da Figueira da Foz, que me ficasse com o meu saco da roupa que quando fosse a Sant John, que entregasse ao João Carlos de matos, que era um pescador da Lagoa, e era tripulante do “Neptuno”.

Neste caso as coisas correram bem, pois no dia em que o “São Jorge”, foi a terra se abastecer de mantimentos encontrou em Sant John o “Neptuno” e este tripulante do “São Jorge” a quem entreguei o saco da roupa, foi leva-la a este navio e entregou ao

João Carlos de Matos que levou para São Miguel onde fui busca-la quando o “Neptuno” chegou a São Miguel para desembarcar os pescadores desta Ilha, porque eu nesta altura já estava na Ilha.

Entretanto embarcamos no “Corte Real”, a caminho de Sant John onde chegamos às seis da tarde, onde foi dito para nos encaminhar Para a Casa dos Pescadores, onde nos seria dado alojamento, mas alguns seriam levados para um hotel, não iríamos todos em virtude de estarmos no mês de Agosto e os Hotéis estavam todos cheios.

Fomos todos juntos para a Casa dos Pescadores, onde já estavam alguns colchões, foram levados os mais velhos para os Hotéis, talvez metade dos pescadores e a outra metade ficou na Casa dos Pescadores, onde ficamos dois dias, e nós entretemos a ver televisão e a dar passeios pela cidade.

Quinta-feira 12 de Agosto de 1953

Chegou o carro da Army trazer roupa e calçado, porque estávamos ainda com aquilo que estávamos vestidos quando se deu o incêndio, por isto foi entregue a todos os pescadores.

Também de manhã veio outro carro com café e pão com manteiga, e depois do meio-dia vieram trazer o almoço e às cinco horas veio o jantar.

Sexta-feira 13 de Agosto de 1953

Neste dia tomamos um avião de Sant John para Montreal, e desta cidade iríamos para Lisboa.

Antes escrevemos cartas para as famílias, a contar o que nos tinha acontecido, que estávamos todos de boa saúde e que dentro em breves dias chegaríamos a São Miguel.

No dia catorze de manhã chegamos a Montreal, mas só teríamos avião para Portugal à noite, por isso passamos o dia todo na gare do aeroporto, pois não podíamos sair, passamos a tarde a jogar às cartas, que nos foram dadas pelo capitão, almoçamos e jantamos no restaurante do aeroporto.

E assim passamos este dia, que se tornou muito aborrecido, porque tivemos de esperar até às dez horas da noite, hora em que tomamos o avião para Portugal.

Chegou enfim a hora de embarcar, não tínhamos qualquer documento nem passaporte, foi entregue pelo consulado de Portugal em Sant John uma relação que constava o nome de todos os pescadores, e era com este documento que nos serviu de bilhete de embarque.

Embarcamos às dez horas num avião da companhia Canadian Air pacific e o avião partiu às onze horas da noite, embarcamos todos juntos, ao contrario que quando saímos de Sant John para Montreal, pois como o avião não teve lugar para todos, ficaram alguns para trás, os quais vieram no voo seguinte e que por isto chegaram mais tarde.

Tinham-nos dito que o avião ia fazer escala na Ilha de Santa Maria, provavelmente iríamos ficar duas ou três horas e depois iríamos para Lisboa.

Ficamos com pena de não termos ficado nesta ilha e depois iríamos para São Miguel na Sata, mas foi-nos dito pelo capitão, e que tinha ordens para nos levar para Lisboa, pois iriam fazer um inquérito às causas do incêndio e que todos tinham de estar presentes.

Era meio-dia quando embarcamos de novo, depois de no restaurante do aeroporto nos ofereceram uma bebida, levantando voo pouco tempo depois, e chegando ao aeroporto da Portela em Lisboa pelas três da tarde.

Depois de desembarcados os pescadores de São Miguel foram levados em táxis para uma pensão na Praça da Figueira onde ficamos alojados quatro dias.

Nesta pensão fomos divididos em três quartos, no meu quarto ficaram o José da Cunha, o Manuel Januário, o António Rego Coelho e o Manuel da Cunha.

Noutro quarto ficou os pescadores de Rabo de Peixe, o José Sebastião, o irmão António, o José da Luz, e o Manuel Sebastião.

Por ultimo ficaram o tio Manuel Tachinha, o João Cabral, o tio Artur Bonança, o sobrinho João Bonança e dois moços, um da Graciosa e o outro da Terceira.

Foi-nos dito pelo capitão que não saíssemos amanhã da pensão, pois iríamos ser contactados por uma pessoa que nos iria levar ao escritório dos Armadores da Pesca do Bacalhau, proprietário do “Oliveirense”, que iriam fazer algumas perguntas e abonar algum dinheiro.

Depois que tivemos todos alojados e segundo o que nos tinha dito o capitão, que nos iriam fazer algumas perguntas, chamei os outros pescadores ao meu quarto e perguntei a eles o que nos iriam perguntar, falando-lhes o que deveriam responder às perguntas que iam fazer.

O tio Manuel Tachinha respondeu-me que iria responder conforme as perguntas que iriam fazer.

Eu então respondi-lhe que tinha alguma ideia destas perguntas e ele respondeu-me, eu acho que será como se deu o fogo no “Oliveirense”.

E então respondi-lhe se saberia como se deu o fogo e ele e todos disseram que não faziam a menor ideia de como começou o fogo.

Então eu disse-lhes que era uma boa ideia e todos disserem, que não sabíamos como se deu o fogo.

Eu diria que o tio Acácio foi o primeiro a ver o fogo, e que o motorista e o ajudante na altura do incêndio estavam a ajudar a içar os botes, assim como o imediato, o cozinheiro e o ajudante de cozinha, como sempre faziam quando estavam poucos pescadores a bordo para içar os primeiros botes.

Então o tio João Cabral se lembrou e disse, e se eles perguntaram se havia gasolina a bordo o que é que nós lhes dizemos? Respondi-lhe para todos dizermos a verdade. Que havia gasolina a bordo, porque temos uma lancha que trabalhava com motor a gasolina e que apesar de que havia a bordo vários bidões à ré da casa do leme os quais suponhamos ser de gasolina e óleo, apesar de nunca vermos ninguém abri-los e tirar gasolina.

Que tínhamos de dizer isto e mais nada, o que era verdade pois eu nunca vi ninguém a mexer nos tais bidões.

Terça-feira 17 de Agosto de 1953

Eram dez horas de manhã quando veio um Senhor, que depois soubemos que era da Capitania de Lisboa, dizer-nos que estavam quatro carros à nossa espera para nos levar para a Capitania, para responder a algumas perguntas e recebermos algum dinheiro para as nossas necessidades, como comprar alguma roupa, pois que ainda nós estávamos vestidos com a roupa que nos tinha sido dada pela Salvação Army de Sant John.

Chegamos enfim à Capitania onde um a um fomos entrando para um quarto onde estava algumas pessoa, que nos iam fazendo algumas perguntas, que nós íamos respondendo conforme já tínhamos combinado.

Que não sabíamos como começou o fogo, que na altura do incêndio tanto o motorista como o ajudante estava em serviço no convés, a içar os botes, e que havia gasolina a bordo, apesar de nunca a termos visto, tínhamos a bordo uma baleeira que trabalhava a gasolina, e isto não era segredo para ninguém.

A medida que iam acabando as perguntas, ia sendo entregue a cada um dois mil e quinhentos escudos, dinheiro este que seria descontado do nosso ordenado, quando este nos fosse pago em São Miguel.

Depois de todos irem a perguntas, tornamos a ir para a pensão, na Praça da Figueira onde fomos jantar.

Depois do jantar resolvemos ir à feira comprar alguma roupa para vestirmos quando desembarcássemos em São Miguel.

Comprei dois pares de calças duas camisas e um blusão, junto com alguma roupa interior.

Todo o pessoal também comprou roupa à medida das suas necessidades, porque ainda traziam vestidos a tal roupa que nos deram em Sant John, quando tomávamos banho na pensão vestíamos a mesma roupa.

Assim se passou mais dois dias, em que andamos a passear por Lisboa.

Quinta-feira 19 de Agosto de 1953

Duas semanas depois do naufrágio do “Oliveirense”, apareceu-nos depois do jantar, o mesmo Senhor que nos contactou no primeiro dia, de que amanhã dia vinte estivéssemos todos preparados, pois que amanhã nos viria buscar para embarcar no “Carvalho Araújo”, que nos iria levar para São Miguel, e que vinha buscar-nos quando fosse duas horas, pois o embarque seria às cinco da tarde.

Pedimos então a ele para telefonar para a Capitania de Ponta Delgada para avisar as nossas famílias o dia e a hora em que o navio chegasse a Ponta Delgada, que era para as famílias virem ao desembarque.

Ele respondeu-nos que já estava tudo avisado, e que as nossas famílias não deixariam de vir à nossa chegada.

Finalmente chegou o dia, eu como tinha comprado um pequeno saco de viagem, assim como os outros pescadores, arrumamos as nossas roupas nestes sacos e fomos nos carros que nos vieram buscar-nos para embarcar no “Carvalho Araújo”.

O navio partiu às cinco horas da tarde do Porto de Alcântara e ao fim de dois dias de viagem paramos na Ilha da Madeira para desembarcar alguns passageiros, embarcar outros passageiros que iam para os Açores, passamos o dia vinte e três nesta Ilha, partindo ao anoitecer para São Miguel onde chegamos no dia vinte e seis de Agosto, isto é dezoito dias depois do naufrágio.

Era dez horas da manhã quando o “Carvalho Araújo” atracou o Porto de Ponta Delgada, e como era de esperar todas as famílias dos pescadores estavam junto ao molho, assim como muita gente que vinha por curiosidade ver os náufragos do “Oliveirense”, quando saímos do navio houve muitas lágrimas de alegria, depois seguimos com as nossas famílias cada um para suas casas muito felizes.

